

A. Zuccherato

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ARQUIVO DOS SEUS TRABALHOS

Série II—N.^{os} 3 e 4

Julho a Dezembro de 1916

SUMÁRIO

Alexandre Herculano — P. 37.

A Guerra e a hygiene escolar — P. 42.

Uma carta dirigida ao jornal *A Capital* a propósito dos nossos cursos nocturnos — P. 58.

Extracto das actas das reuniões da Direcção da Liga — P. 62.

Publicações recebidas ultimamente — P. 63.

Canções escolares classificadas no IV Congresso Pedagógico da Liga.— P. 65.

Mapas estatísticos dos cursos subsidiados pela Liga — P. 66.

ALEXANDRE HERCULANO

Tendo sido evocada no último número do *Boletim* a fascinante figura de Castilho, a do seu coevo Herculano constitui para êle a melhor seqüência nesta série. Se não dedicou especialmente ao ensino a sua actividade, o já tradicional temperamento austero e grave do grande escritor forma por si próprio o mais alto exemplo moral, e nunca será demasiadamente pôsto em relêvo, sobretudo em tempos de tam grande, de tam excessiva auto-indulgência como os que vão correndo.

A época em que se exteriorizaram os seus primeiros actos de homem foi privilegiada, é certo, para a formação do carácter. Os seus grandes vultos literários foram soldados e homens de iniciativa; fazem-nos relembrar as grandes épocas históricas, em que os poetas, e em todos os países — o braço às armas feito, a mente às musas dada — alternavam os feitos épicos com o compor das epopeias e com os lirismos mais estremes. Parece que a guerra moderna, industrializada, tam diferente das antigas, mudou hoje também aqui a face das cousas e nesse ponto igualmente decaímos.

Defrontar-se com a morte na defesa sincera e ardente dum ideal, compartilhar com outros as durezas da campanha, pelas mi-sérias sofridas em comum tomar um contacto mais íntimo com

a alma humana e os seus trágicos problemas, e atingir por êsse facto um ponto de vista superior, moral e intellectualmente — eis uma carreira que obriga a olhar a sério a vida, ou antes, a olhar a vida com seriedade, profundamente, francamente, com todo o coração, se a frase é permitida. Mas essas culminâncias não se atingem em períodos normais: nós em geral olhamos para tudo numa semi-consciência mórbida, doentes de atenção, neurasténicos da complicação ou do requinte social, as almas baças e moles, as vontades quebradas e exánimes. Não assim Herculano.

A contemplação estudiosa do passado, a ressurreição vivaz de antigas gerações solidariamente lutando lutas de séculos, e então, mais talvez do que nenhum outro para nós, a daquele período que êle mais trabalhou, o da plena mocidade da raça portuguesa, com toda a fôrça da seiva nova a expandir-se, a firmar-se na História, a lançar raízes fundas e alargar-se em frondosas sombras que ainda hoje desfrutamos, também decerto muito contribuíram para a feição moral tam bem vincada do seu nobre temperamento.

Para Herculano a vida era qualquer cousa de muito mais elevado do que nós geralmente a sonhamos na nossa futilidade ou cinismo actuais, tinha-a bebido nas suas próprias fontes, era cheia de significação onde para nós é um vago e movediço nevoeiro; e só enchendo-a nós, como êle, dêsse rígido arcaboço moral que nos falta, poderemos porventura ressurgir triunfantemente. Imaginem um Portugal com quinhentos, com duzentos, mesmo apenas com cem Herculanos, ainda só na grandeza de carácter e não nos altos poderes de intelligência, entre os seus seis milhões de analfabetos aldeões ou dessorados cidadãos: ¿alguém poderá duvidar que de novo viríamos a ser grandes?

A energia do seu potente exemplo propagar-se-ia em céleres ondas de educação de norte a sul do país, e estaríamos salvos. ¿Mas onde está o Diógenes a cuja lanterna possamos descobrir agora um *homem* como êle foi?

Na sua falta relembremos ao menos a sua figura, abracemo-nos a ela, conjuremo-la a que nos ensine a magia da sua têmpera: tivemos outras iguais, não tivemos maior, e está próxima de nós e por isso tanto mais eficiente pode ser a sua lição. As suas virtudes não são das que celebraram um passado glorioso mas hoje morto, são aquelas de que hoje mesmo necessitaríamos para a nossa dignificação e a nossa fôrça.

*

Não repetiremos, para mais tendo de os reduzir a exíguas proporções, dados biográficos que se encontram traçados por tantos mestres, embora não vulgarizados como seria útil e necessário. Para aqueles reenviamos os nossos leitores. Salientaremos aqui tam sómente certas das suas feições que mais estearam a sua bela estrutura íntima.

Em primeiro lugar, Herculano era típicamente um português dos campos, da plena e vasta natureza, integrado fortemente neste solo pátrio, coberto de verduras ternas e de fragas rudes; dos campos

que tanto amava e a que tam frequentemente regressou, encarnando no seu curioso feitio de homem de letras-agricultor como que o génio, o destino natural da nossa raça: o sol inspirando a intelligência, a terra ocupando as mãos, o coração com ambos.

Como homem dos campos era sóbrio e rijo, desprezando as vilezas físicas que corroem e conservando a juventude de alma dos aldeões. A cidade trouxe-lhe bastas amarguras, o campo lhas fazia sarar. A sua vida física sã deve formar o primeiro ensinamento que dêle fruimos: sem ela o carácter amesquinha-se, ela é a base de todo o edificio. O grande ar livre, a paisagem revigorando a alma, a mesa sadia, os longos passeios a pé, as canseiras da intelligência recuperadas na paixão das lavouras e no convívio dos rudes, eis uma grande e fácil terapêutica para os tristes definhados que nós somos, eis o caminho racional e natural que nos está aberto para a saúde de corpo e de espírito e para a alegria que redime.

A simplicidade e a integridade de carácter constituem a segunda coluna dessa forte personalidade. Nenhumas transigências subtis, nenhuma pseudo-tolerâncias cobardes: só, se tanto era preciso, mas enorme na sua solidão.

Que longe estamos dessa nobreza!

Incapazes em geral de, como êle, ganharmos com independência o nosso pão sempre que queiramos, ;a quantas fraquezas nos não vemos obrigados, em que miséria lodosa nos envolvemos! Mas só com a pureza moral íntegra e tenaz, o culto dum nome impoluto, e com o completo desprêzo das molezas capuanas duma assim chamada civilização que nada nos traz para o espírito, só assim, só quando na maioria assim formos, poderemos ser grandes.

Terceira característica a aproveitar religiosamente: o método tam igualmente sério no trabalho, a perfeição do esforço, a devoção à própria obra, por mais humilde e ignorada. O que quer que fôr que se construir, façamo-lo o mais sólido e completo, não nos poupemos a trabalhos, levantemo-nos acima de nós próprios, sejamos também aqui profundamente honestos. Tal foi, pela mesma, forma o seu grande e elevado exemplo...

*

Mas a um espírito levantado como o de Alexandre Herculano era impossível ter atravessado a vida do seu país, e para mais em um período de activa elaboração social, sem ser chamado a intervir mais directamente nas questões de instrução, por mais absorventes que tivessem sido para êle as suas preocupações dominantes. Efectivamente, como jornalista e como parlamentar, Herculano teve ocasião de versar os assuntos do ensino público.

É igualmente fácil a conjectura de que também êle tivesse advogado a democratização da instrução primária: assim foi realmente, e sobre êsse tema versaram até os seus primeiros escritos neste ramo dos problemas da causa pública. Mas tem ainda hoje — infelizmente! — absoluta actualidade as suas palavras autorizadas em prol da instrução primária superior, que ainda não temos, do ensino médio profissional, que tanto carece de desenvolvimento.

Transcreveremos, para terminar, alguns trechos mais característicos das suas rasgadas afirmações neste sentido :

«; Depois, que significa num país constitucional a desigualdade completa das classes, relativamente ao ensino público? ; Com que razão ou justiça haverá a cargo do Tesouro estudos custosos para os legistas, para os teólogos, para os militares, para os médicos, para os cirurgiões, e não há-de haver uma granja modelo para se tornarem consumados na sciência de agricultar os possuidores de grandes propriedades rurais; escolas industriais para se fazerem insignes em suas profissões os donos ou directores dos grandes estabelecimentos de industria; conservatórios de artes e officios para o aperfeiçoamento dos indivíduos que se dão às artes fabris? ; São porventura ilotas os homens de acção e espartanos só os homens de especulação? ; São porventura aqueles membros inúteis do corpo social, e estes os que os sustentam? ; Sôbre cujos ombros pesa o maior vultô dos impostos de ouro, de trabalho e de sangue? ; É que obrigação tem a grande maioria dos contribuintes de suarem e tressuarem para que se hajam de conservar os grandes estabelecimentos da chamada instrução superior, e no fim terem um juiz a quem remuneram da sua algibeira, quando dêle precisam, um médico que os sara ou mata quando lhe dão dinheiro? É, responder-se há, porque a sociedade carece da existência destas classes. Convenho : ; mas não carecerá a sociedade de lavradores, de fabricantes, de artífices? Eis o verdadeiro ponto da questão, que é representada, dum lado pelo sistema antigo, doutro pelo moderno: dum lado pelo Colégio dos Nobres, do outro pela Escola Politécnica.

Livre seja para os indivíduos o cultivarem as letras; nobre e honroso é tudo quanto nos alevanta da terra: mas o Govêrno dum país não é uma academia de poetas e de eruditos: o governar um país é o feitorizar uma grande casa: deve por isso o feitor ser positivo, economico e severo calculador. A instrução pública é um arroteamento, e embora na terra cultivada de novo haja um cantinho para flores, é certo que as searas, as pastagens, as matas e os pomares são o principal objecto dos cuidados dum bom administrador: de tudo o que nas sciências e nas letras é puramente intellectual se compõe o jardim da república; mas a renda dela, os frutos de que se sustenta, só os produzem as sciências applicáveis e applicadas. Tudo o que não fôr organizar o ensino nacional sob a influência dêste pensamento, é não entender nem a sociedade, nem a nossa época, nem as circunstâncias peculiares de Portugal.

Digo circunstâncias peculiares de Portugal, porque além das considerações gerais já tocadas, há uma especialissima e de grande monta que nos diz particularmente respeito. Vem esta a ser a de que estamos excessivamente pobres; triste verdade, da qual abraçados com a sombra vã do que fomos, não há aí voz que valha a persuadir-nos. Necessário é ao pobre o ser activo e industrioso, e não será de certo com o antigo sistema de instrução que o povo português progredirá na industria. Quando os diamantes e o ouro do Brasil vinham inundar Portugal de riquezas; quando D. João V comprava a Roma, a venal, as pompas pontificais para alegrar seus ócios; quando êste príncipe, émulo de Luis XIV, incumbia às artes bastardas e corruptas do seu tempo que lhe erguessem a magnífica ninharia de Mafra, então era preciso entulhar de frades, de capelães, de cónegos, de mosenhores, de principais, de escribas, de desembargadores, de caturras, de rimadores de epitalâmios e de elegias, de oradores academicamente impertinentes, o insondável sorvedouro das inutilidades públicas. ; Como doutro modo devorar as entranhas da América? Esta era a grande industria portuguesa de então; para ella se deviam afeiçoar os estudos. O Tesouro do Estado substituíua a acção dos homens. Com agentes espertos para vender diamantes na Holanda e obreiros hábeis para cunhar ouro nos paços da moeda, estavam supridos trabalhos, instrução popular, actividade, tudo. Era aquella uma época brilhante; mas passou. De quanto possuíam nossos avós só nos resta uma tradição saudável, o arrazamento industrial, e a triste realidade da miséria pública.

Cumpre-nos aceitar com hombridade, isto é, resignados e resolvidos a recuperar com o trabalho o que perdemos com o ócio. As conquistas não voltarão mais, porque já não há novos mundos para devastar, e as nossas esperanças devem dirigir-se para um solo fértil, visitado pela benção de Deus; para a intelligência nacional, de que a providência não foi escassa connosco. Para con-

verter aquela em manancial de riqueza, e esta em instrumento de prosperidade é mester acomodar às necessidades presentes o sistema de instrução pública; e do que fica dito me parece deduzir-se com evidência que o actual, nos seus caracteres essenciais, é inteiramente contrário a essas necessidades.

; Além disso, quam cruel decepção é o facilitar desordenadamente a chamada instrução secundária, quando apenas ela se pode considerar como o primeiro passo na carreira universitária, e quando em um país pequeno como o nosso, o número dos que seguem essa carreira deve ser tam limitado? Vemo-nos afogados num mar de doutores, e não temos talvez dez indivíduos capazes de construir as mais simples máquinas modernas de agricultura ou de indústria: direi mais, não temos talvez cinco que saibam da existência delas. A consequência dêste estado de cultura intelectual, falsa, inapplicável e violenta, é que as muitas esperanças mentidas, as muitas ambições recalçadas, todos os anos arremessam para a arena dos bandos civis centenares de corações generosos, que insofridos ante um prospecto de miséria, se arrojam às lides políticas, para perecerem ou prearem no cadáver defecado do património da república. E ainda o mal seria menor se ao lado desta decepção houvesse alguma grande verdade: se uma escola de applicação material estivesse patente à juventude entre cada vez daquelas que ensinam disciplinas puramente literárias. ; Ao menos havia para ela a escolha! Mas não acontece assim. Para os mancebos de mediocre engenho, desprovidos de protecção e inábeis em enredos políticos, sôbre o ádito da instrução pública em Portugal está escrito um dístico, invisível aos olhos dos desgraçados, mas fatal, imutável e terrível, o dístico que o cantor gibelino de Florença escreveu com a sua pena de bronze sôbre a porta do inferno:

*Per me si va tra la perduta gente:
Lasciate ogni speranza voi ch'intrate!*

A nossa legislação sôbre ensino público é pela maior parte moralmente assassina, e os seus assassinios vão medidos pelos sonhos de Nero e revestidos do carácter de Judas; porque tomando a mocidade inteira como um indivíduo, ela saúda e beija as vítimas, para as apunhalar em massa nos seus futuros destinos.

Era, pois, preciso quanto à instrução especial restringir o número das escolas puramente literárias; criar e generalizar os institutos destinados ao aperfeiçoamento particular das classes verdadeiramente produtivas e industriais. O que se chama instrução secundária não é nem pode ser senão uma dependência universitária, e pôsto que espalhada pelo país, devia reduzir-se e conter-se de certo modo no grémio da Universidade, moldar-se pelo espírito dela, e supri-la unicamente dos alunos de que ela, ou, para melhor dizer, a nação carecesse. Nisto consistiria uma parte essencial da verdadeira reforma.

Mas há aí uma classe mixta e numerosa, classe condenada a viver do trabalho diário, e sem a qual de nada serviria a cultura industrial dos fabricantes, dos mestres de oficinas, dos proprietários ou rendeiros rurais. É esta a dos operários, no sentido mais vasto e completo da palavra. Para a instrução de semelhante classe é que não existe o menor vestígio de ensino público, e todavia a ela pertence o maior número de cidadãos revestidos de direitos políticos e sujeitos aos encargos sociais.

Dir-se há que principalmente para estes estão espalhadas pelo reino mais de mil escolas primárias, onde podem receber uma instrução limitada e humilde como os seus destinos. Erro lamentável! Ainda supondo que em escolas elementares, sem método, sem superintendência, sem regularidade, sem mestres, não digo hábeis mas sofríveis, se possa ensinar alguma cousa, ; que são as vossas escolas primárias? Apenas um repositório de instrumentos para aprender, depois de os saber menear. Ler ou escrever não é instrução definitiva, é meio de alcançar: ela começa além dêstes rudimentos, e além dêstes rudimentos ; qual é o ensino que vós ofereceis ao homem do povo? ; Que fonte de vida intelectual e moral pusestes vós na estrada da sua laboriosa perignação na terra? Um Eutrópio e um Quintaliano. ; E que lhe importa a êle o vosso Eutrópio e o vosso Quintaliano? O que êle vos agradeceira fôra que o habilitásseis com os elementos das sciências naturais, acomodados tanto à sua capacidade como aos seus destinos: que lhe revelásseis os conhecimentos applicáveis à vida material: que

!he ensinásseis o desenho linear, a geometria prática, os rudimentos e factos importantes da física, da química, da botânica, e as regras gerais de hygiene popular, que o instruísseis na doutrina clara e simples do evangelho, para não ser um idólatra ou um malvado. Eis o que êle vos tivera em mercê, depois de lhe haver sentido a utilidade, e não os latins, os gregos, as retóricas e as ontologias, que nenhuma applicação tem ao melhoramento da sua existência de trabalho e de privações, para a qual não há outra consolação, outro refúgio, outra esperança, senão ou a bruteza da taberna, ou o prospecto do repousar na vala plebea e sem nome dum cemitério, e depois dela as promessas de *Deus ao que chora e será consolado*.

¶A criação das escolas primárias superiores é uma necessidade do século, do país em que vivemos, da missão civilizadora do Govêrno representativo, da caridade religiosa e até resultado dum direito dos cidadãos. Elas constituem a educação do povo, porque o ensino primário elementar é um dever e ao mesmo tempo uma propriedade de todos; do nobre e do humilde; do abastado e do pobre; e o ensino especial e a educação de classes excepcionais, limitadas, diminutas. Urge que essas escolas se instituam, e se não temos meios para as acumular às escolas preparatórias de duas ou três especialidades, cerceiem-se estas, e dê-se às multidões a instrução que elas exigiriam talvez à fôrça, se não ignorassem a importância dela para a futura felicidade de seus filhos».

Não tínhamos razão? Não é uma vergonha nacional que ainda hoje sejam tam flagrantes, mordentes como um azorrague, palavras escritas em 1841 — **há setenta e seis anos?**

Esperemos que desta duríssima guerra, pelas conseqüências que envolve, se tire pelo menos a lição proveitosa de fazer assentar na instrução rápido e rasgado progresso, como sendo ela a base mais sólida e a única adequada à grande construção do ressurgir nacional.

Luis Cardim.

A guerra e a hygiene escolar

* Relatório apresentado à Sociedade de Medicina Pública e de Engenharia Sanitária de França pelo Dr. Mosny,
membro da Academia de Medicina * * *

A guerra, a maior guerra que jamais envolveu número tam considerável de homens, aniquilou tantas existências, destruiu tantas cidades, não limitou no entanto a sua obra a semear a desolação, a ruína e a morte por toda a parte onde descarregou os seus golpes.

Não se limitou a perturbar profundamente os seres e as cousas mesmo as mais afastadas do seu alcance imediato. Tem sido, a despeito dos seus horrores e das suas ruínas, pelas lições que nos dá, uma fonte copiosa de ressurreição e de vida.

Não é menos rica em ensinamentos do que em misérias, e, por pouco que saibamos compreender as suas lições e aproveitá-las, será origem duma França mais bela, mais fecunda e mais forte.

A escola em que se prepara a França de amanhã não se esquivava à lei comum: em todos os sítios onde o inimigo calcou o nosso solo, ela participou dos seus golpes; em muitos lugares, longe da *frente*, teve de servir para o aquartelamento das tropas ou para a hospitalização dos feridos, e por êsse facto viu aí ameaçada a salubridade dos edificios escolares.

Mas se a hygiene escolar teve de sofrer com a guerra, esta não deixou de nos trazer revelações preciosas de que devemos tirar proveito para reparar as ruínas e preparar pela salubridade das escolas e pela hygiene dos estudantes a regeneração da raça.

*
* * *

Nem os higienistas, nem os pedagogos, nem os pais esperaram pela guerra para se preocupar com a salubridade das escolas e a saúde dos seus frequentadores; dessas preocupações nasceu há doze anos, a Liga Francesa da Hygiene Escolar. Mas era tal nesse tempo o desconhecimento da importância destes assuntos, dos quais dependia contudo o futuro do nosso país, que nada menos do que estes doze anos foram precisos para assegurar a conquista da opinião pública; por isso também nos foi impossível, neste período bastante longo, solucionar mais que um pequeno número de problemas. A inspecção médica das escolas, conquanto imperfeitamente organizada e incompletamente instituída, é a primeira conquista da Liga Francesa da Hygiene Escolar.

A necessidade de uma organização metódica da educação física encontrava-se reconhecida por todos, e a sua instituição estava prestes a ser uma realidade quando a guerra rebentou. Se os trágicos acontecimentos da hora actual lhe retardaram a efectivação, a sua urgência e a sua importância só se afirmaram mais manifestamente pela guerra e a sua organização apenas ficou mais sólidamente assegurada.

*
* * *

Não ocuparei demoradamente a vossa atenção com a reparação dos desastres da guerra: saneamento dos edificios escolares ocupados pelas tropas ou pelos feridos; reparação das escolas deterioradas ou reconstrução das destruídas: são cousas demasiado banais para nos prenderem por muito tempo.

Quanto aos edificios escolares utilizados temporariamente, e por pouco que fôsse, para o aquartelamento de tropas ou hospitalização dos feridos, bastará limpá-los e desinfectá-los pelos processos vulgarmente empregados para que a sua população possa, imediatamente a seguir, reocupá-los sem perigo.

As paredes serão ensaboadas e esfregadas à escôva, os sobrados raspados ou as lajes lavadas, as pinturas recobertas; depois, com o mobiliário no seu lugar, desinfectar-se hão as salas a formol. Aulas, salas de estudo, sítios de acesso serão submetidos à mais minu-

ciosa desinfecção. As retretes, sobretudo nas escolas que foram utilizadas como ambulâncias, serão rigorosamente desinfectadas. Finalmente, quanto a estas últimas, o solo dos pátios e dos recreios que possam ter sido contaminados por destroços de pensos impregnados de matérias tetaníferas, será útilmente lavado com solutos antissépticos, ou, mais simplesmente, com muita água, se o solo é impermeável, lajeado ou de asfalto. Se se trata de terra calcada, de areia ou de saibro, a camada superficial será removida e substituída por areia nova. Acrescentarei, contudo, que a raridade do bacilo do tétano nos exsudatos provenientes de feridas tetanigénias nos autoriza a pensar que o solo dos pátios das escolas utilizadas como ambulâncias não corre, por esta via, grande perigo de contaminação.

As casas de escola deterioradas pela invasão serão consertadas, e depois desinfectadas antes de reabertas para o ensino. Os lances de parede abalados, ameaçando ruína e julgados perigosos para a segurança dos alunos, serão apeados e reconstruídos. Quanto aos edifícios destruídos ou tam gravemente danificados que toda e qualquer reparação seja considerada impossível, dever-se hão reedificar e aproveitar essa reconstrução para exigir que os seus planos sejam concebidos e executados conforme as regras da hygiene escolar. Os projectos devem ser submetidos a aprovação e a abertura dos edificios autorizada pela autoridade competente, particularmente pelo Inspector departamental dos serviços de hygiene.

Por fim, e voltaremos dentro em breve a êste ponto, os planos de reconstrução dos edificios escolares deverão comportar, sobretudo nas cidades, um terreno para jogos cuja superficie será proporcional à cifra da respectiva população escolar.

*
* *
*

Mas a guerra tem para a hygiene escolar outras consequências que não sómente a de reparar as suas ruínas e preservar a saúde da criança contra os riscos a que deu origem.

Comporta preciosas e numerosas lições que o cuidado do futuro da raça nos impõe o dever de não desprezar.

Todos os episódios desta guerra, da guerra de trincheiras, assim como das batalhas em campo raso, ainda que estas tenham sido raras, nos revelam a importância capital da resistência física, do vigor, da agilidade tanto como a da disciplina, do espirito de abnegação e de solidariedade sob o ponto de vista moral, da iniciativa emfim e da engenhosidade, qualidades estas que todas a educação pode desenvolver, e cujo desenvolvimento lhe devemos, mais que nunca, pedir que favoreça.

A bem dizer, não era preciso que uma guerra assim terrível nos trouxesse as suas lições; um pouco de previdência, de reflexão e de lógica teriam podido, sem a brutal e mortífera intervenção da guerra, provar-nos à evidência a importância da cultura das qualidades físicas, intellectuais e morais da criança, para lhe assegurar a vitória

Para crianças dos sete aos doze anos.



Letra de autor desconhecido.

Música de Costa Pereira.

Mod.^{to}

CANTO

De bai_xo da

PIANO
ADLIBITUM

The first system of the musical score consists of three staves. The top staff is for the vocal line (CANTO), marked 'Mod.^{to}' and 'CANTO'. It begins with a rest for four measures, followed by a melodic phrase starting on a half note 'De' and a quarter note 'bai_xo da'. The piano accompaniment (PIANO ADLIBITUM) is shown in two staves below. The right hand (treble clef) plays a rhythmic accompaniment of eighth and sixteenth notes, while the left hand (bass clef) plays a simple bass line. The key signature has one flat (B-flat) and the time signature is 3/8.

rall.

ter.ra no cam.po nas_ci Por en_treocen_tei_o, De noi_te, cor_ri Gri

The second system of the musical score continues the vocal line and piano accompaniment. The vocal line is marked 'rall.' and contains the lyrics 'ter.ra no cam.po nas_ci Por en_treocen_tei_o, De noi_te, cor_ri Gri'. The piano accompaniment continues with the same rhythmic pattern as the first system. The key signature remains one flat and the time signature is 3/8.

NO MAR



1.ª VOZ:

As ondas cantam segredos,
Junto à costa, ao vasto mar!

2.ª VOZ:

São segredos, são segredos
Ocultos no vasto mar.

1.ª VOZ:

Batendo contra os rochedos
Ou na areia a murmurar!
São vozes que nos rochedos
Ou na areia vão findar!

Côro

Marinheiro larga a vela
Que o vento o mar encapela;
Voga voga sem temor!
Dize adeus à terra amiga,
Que o vento a vela fustiga
E o sol à água dá côr.
Larga a vela, larga a vela,
Voga voga sem temor!
O vento a vela fustiga
E o sol à água dá côr.

1.ª VOZ:

Rompe o dia! O sol afaga
A névoa que sobe lenta.

2.ª VOZ:

O sol da côr de ouro afaga
A névoa que sobe lenta.

1.ª VOZ:

Sorri no mar alto a vaga,
Dorme no fundo a tormenta!
No mar alto gira a vaga
Do fundo sobe a tormenta.

Côro

Marinheiro larga a vela
Etc.

a tempo

pp gri. Gri, gri. Ao Céu a ve_xi_nhas Vo_a_vam d'a_li: Ten-

tan.do_i_mi_tá_las As a_sas ba_Ti Gri, gri. Gri, gri. Has

rall.

a_sas ba_ten_do, Do chão pre_su_mi Can_tar_te sem lín_gua, Meu

a tempo

Deus, sem pre a Ti. Gri, gri. Gri, gri. Ru-

Fim

CANTO DO GRILLO



Debaixo da terra
No campo nasci;
Por entre o centeio,
De noite, corri.
Gri, gri.

Ao Céu avezinhas
Voavam dali:
Tentando imitá-las,
As asas bati.
Gri, gri.

E as asas batendo,
Do chão presumi
Cantar-te sem língua,
Meu Deus, sempre a Ti.
Gri, gri.

Rumor de meninos
Um dia senti;
Calei-me tremendo,
Veloz me acolhi.
Gri, gri.

Mas ai! na cilada
Incauto caí:
A palha pegado
Da cova sai.
Gri, gri.

Que dor, quando preso
No mundo me vi!
O vida do campo!
Ai! bem que eu perdi!
Gri, gri.

Folhinhas de alface
Me dão para aí,
Dão-me ervas mui tenras
Que eu não lhes pedi.
Gri, gri.

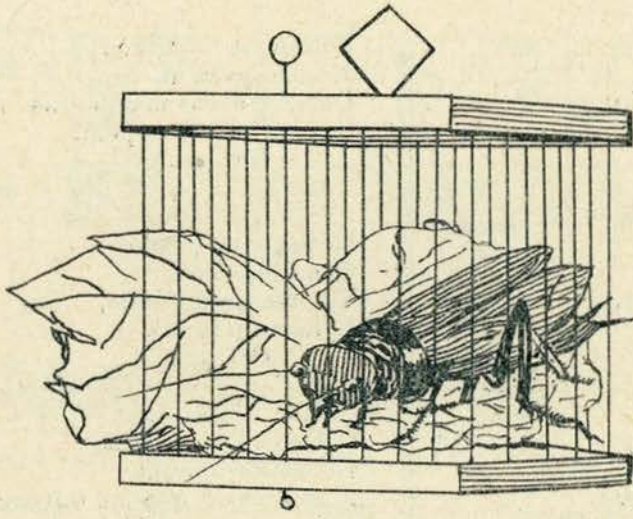
Só peço, no prado
Que ledo corri,
Ter um buraquinho,
E basta p'ra mi.
Gri, gri.

Ó Deus, com as asas
Eu canto-te aqui,
E os homens que me ouvem
Não pensam em Ti!
Gri, gri.

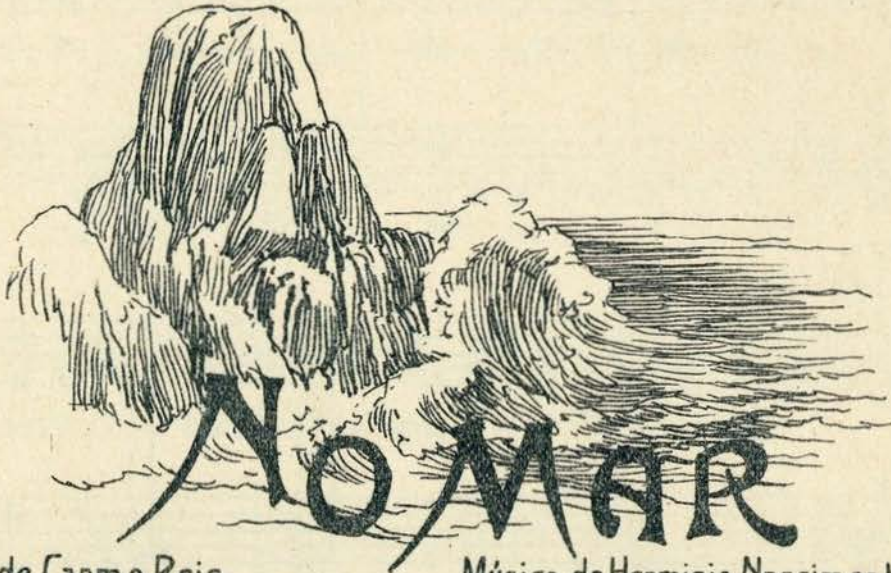
Ó vida do campo,
Lá onde nasci!
Folgaes que eu tive!
Belezas que eu vi!
Gri, gri.

O cárcere corro
No meu frenesi;
O dono me espreita:
Eu choro, êle ri.
Gri, gri.

Ao campo não volto,
Do mundo descri,
Em breve meus dias
Se acabam... morri.
Gri, gri.



Para adolescentes dos quinze aos vinte anos.



Letra de Carmo Reis.

Música de Herminio Nascimento.

Allegro

PARA
DUAS
VOZES

mf As on_das can_tam se_gre_dos se_
gre_dos Junto á costa ao vas_to már

são se_gre_dos
pp

pp são se_gre_dos são se_gre_dos O_cul_tos no vasto már

mf Ba_tem do contra os ro_che dos ou na areia a murmurar são vo_
Ba_tem do contra os ro_che dos ou na areia a murmurar.

em todas as lutas da vida, compreendida a guerra. É, para mais, uma lição que certamente teríamos pago menos caro se tivéssemos sabido compreender, prever e organizar sistematicamente.

Visto, porém, que assim não foi, devemos talvez agradecer à guerra, a despeito da brutalidade da demonstração, o ter-nos ensinado a importância duma cultura harmónica e integral das nossas faculdades físicas, intellectuais e morais, e dos perigos a que pode conduzir o desconhecimento da utilidade duma educação física sistematicamente organizada e metódicamente seguida.

*

* *

A necessidade de bem compreender as lições da guerra actual, para dela tirar proveito, apparecer-nos há mais nitidamente se nos dispusermos a reconhecer que as lições da guerra de 1871 ficaram letra morta para nós, porque não as compreendemos; veio-nos dela a ridícula e pueril instituição dos batalhões escolares, e foi tudo. ; Como se a escola não devesse ter outros fins senão formar soldados!...

O general Chanzy tinha compreendido este erro e tinha tentado remediá-lo: «Dai-nos homens, disse elle, e nós faremos d'elles soldados».

Saibamos, pois, melhor que os nossos avós, aproveitar as lições da guerra, sigamos o conselho do general Chanzy e peça-se à hygiene escolar que assegure a salvaguarda da saúde dos nossos filhos e a cultura integral das suas faculdades físicas. Exijamos-lhe que faça dos nossos filhos homens armados para todas as lutas, comprehendidas as da guerra, mas não só para a guerra: ; não é a luta, sob qualquer forma que se apresente, a própria essência da vida? ; Não é o vigor fisico, em todos os casos, a condição primordial da vitória?

*

* *

Estudar todas as condições que, na idade escolar, podem assegurar a salvaguarda da saúde do estudante e o desenvolvimento integral das suas faculdades físicas, seria passar em revista toda a hygiene escolar.

Nem me sobeja o tempo para isso, nem creio ter o dever de o fazer, porque seria tempo perdido e trabalho inútil.

Embora o estudo das condições de salubridade dos edificios escolares, da iluminação, do aquecimento, da mobília, do cansaço nervoso mais imputável à má distribuição do trabalho e aos exercicios inúteis das classes que ao sobrecarregado dos programas, o da profilaxia escolar das doenças transmissíveis e tantos outros mais estejam intimamente ligadas à protecção sanitária da criança e ao futuro da raça, é-nos necessário, se queremos chegar a um resultado, escalar os problemas.

Limitar-me hei, pois, abandonando muito deliberadamente estes assuntos, a falar exclusivamente das condições capazes de nos assegurar por uma cultura metódica o desenvolvimento normal das faculdades físicas da criança, de modo a obter delas o máximo rendimento possível.

São estas, além disso, as mais imediatas deduções das lições da guerra.

Possam elas, pelo preço que nos custaram, valer-nos em época próxima a organização metódica da educação física da criança, da qual, até hoje, a despeito das nossas objurgações, se tem desconhecido a importância e o alto alcance social.

A escola e a educação integral da criança.—O indivíduo representa, sob o ponto de vista social, um certo valor que é a resultante de diversos factores de ordem física, intelectual e moral, cujos coeficientes absolutos e relativos, variáveis segundo a idade, o sexo e os indivíduos, podem ser na criança artificialmente modificados, desenvolvidos, aumentados pela cultura.

Tal é o fim da escola, da qual não devemos exigir apenas a cultura exclusiva e intensiva das faculdades intelectuais da criança, mas sim a cultura simultânea das faculdades físicas, intelectuais e morais, tam estreitamente solidárias umas das outras que se não pode desenvolver exclusivamente uma delas sem causar prejuízo às demais.

Para atingir êste fim, para obter o maior rendimento possível das faculdades humanas pelo seu desenvolvimento harmonioso, a escola deve pois distribuir equitativamente as horas do dia entre os cuidados de cultura intelectual e moral e os da cultura física, intercalando entre as horas atribuídas aos diversos actos desta *trilogia pedagógica*, horas exclusivamente destinadas ao repouso.

Já tivemos ocasião de mostrar, Mr. Mathieu e eu, que para fazer esta distribuição das horas do dia entre os cuidados de cultura física e os da cultura intelectual e moral, era preciso antes de mais nada dar a sua parte à cultura física, visto que a integridade física da criança é a condição primordial e necessária da cultura integral. A cultura intelectual e moral devem contentar-se com o que lhes ficar.

Horário das aulas. Utilização das horas livres.—Os horários actuais, se não os programas, não nos permitem encontrar de modo algum, em cada dia, o tempo necessário para a cultura física.

A duração actual da sedentariedade escolar compreendendo as aulas, as horas de estudo e o desenho é com efeito de:

6 horas para os mais pequenos (de menos de 12 anos de idade) das classes primárias da secção elementar.

8 horas para os médios (de 12 a 15 anos de idade) das classes da secção de gramática.

10 horas e mesmo 10 e meia horas, no verão, para os mais crescidos, de mais de 15 anos, da secção superior.

O Dr. Mathieu e eu tínhamos em tempo reclamado a redução desta duração excessiva da sedentariedade escolar a 6 horas para

os pequenos, 7 horas para os médios e 8 horas para os mais velhos. E, consagrando ao sono 11 horas, no caso dos pequenos, 10 horas, no caso dos médios, e 9 horas, no caso dos mais velhos, obtínhamos para os mais pequenos, para os médios e para os maiores 7 horas livres, que repartíamos, segundo a idade, entre as refeições, o repouso e a cultura física.

A quinta-feira e o domingo devem naturalmente ficar por inteiro livres, não só de todos os exercícios, mas ainda de toda a sujeição escolar; trabalhos de casa e lições devem estar distribuídos de tal maneira que os alunos nada tenham de fazer em casa durante aqueles dias.

Não vos falarei da distribuição das horas livres dos dias de trabalho escolar entre as horas de sedentariedade escolar, nem tão pouco da distribuição das horas livres entre o repouso, as refeições, e a cultura física: seria uma verdadeira organização de trabalho escolar e não me sobra o tempo para a traçar neste estudo forçadamente abreviado.

Contudo posso responder aos que censurassem este esboço de organização por êle facilitar demasiado as necessidades da educação intelectual e restringir até o excesso as horas de sedentariedade escolar, que se a Universidade se decidisse por fim a modificar os seus métodos pedagógicos, a renunciar a impor ao estudante tarefas inúteis, a aprender por si própria e a ensinar à criança o melhor emprêgo do seu tempo, acharia facilmente, sem restringir os seus programas nem as suas horas de aula, as sete horas necessárias à trilogia da educação física: às refeições, ao repouso, e à cultura física propriamente dita.

Com um pouco de lógica e de boa vontade chegaria sem custo, e dedução feita do tempo necessário às refeições e aos períodos intercalares de repouso, a distribuir equitativamente o *reliquat* das horas livres entre os diversos exercícios da cultura física.

As bases da educação física.—A organização metódica da cultura física do estudante implica a observação e a verificação periódicas e freqüentes do funcionamento normal dos seus órgãos e do crescimento normal do seu organismo.

Por isso mesmo a Liga Francesa da Higiene Escolar reclamou em primeiro lugar a organização prévia da inspecção médica das escolas. Tendo o médico escolar, entre outras atribuições, essa verificação e essa vigilância, deveria consignar em um verbete sanitário-escolar, além das informações relativas às doenças da criança durante o seu período escolar, os resultados dos seus exames médicos periódicos respeitantes ao funcionamento dos principais órgãos e aparelhos, bem como ao crescimento.

Graças à sua fiscalização, à sua vigilância e à consignação em um verbete das suas constatações periódicas, o médico escolar encontrar-se-ia habilitado a dirigir útilmente a cultura física da criança e a advertir os seus pais dos defeitos de funcionamento dos órgãos ou das anomalias do crescimento.

A despeito desta incontestável utilidade, a organização da ins-

pecção médica das escolas e a instituição do verbete sanitário individual não foram postas em prática senão em algumas grandes cidades e só nos estabelecimentos de ensino primário. A opposição sistemática duns, a inércia doutros, da parte de todos o desconhecimento do interêsse geral e a preocupação mal orientada de interêsses particulares, causaram a falência da organização da inspecção médica escolar, base da cultura física do estudante.

As mesmas razões fizeram abortar a instituição de enfermeiras médicas escolares que, em cada escola, teriam sido encarregadas da vigilância sanitária da criança, do seu bom porte e do seu asseio, e teriam sido dêste modo as melhores colaboradoras do médico escolar.

Importa que o mais cedo possível a inspecção médica das escolas, base da educação física, seja legalmente instituída e metódicamente organizada.

Se a organização da cultura física não encontrou a mesma opposição sistemática e interessada que a da inspecção médica escolar, pelo menos a sua utilidade não foi melhor compreendida e a sua falência foi quasi por igual completa.

Mas como a guerra acaba de lhe proclamar brutalmente a urgência e a necessidade, e que nos é forçoso contar com as suas lições para fazer chegar a bom pôrto as nossas reivindicações, queremos, a despeito de repisarmos, e por universalmente conhecidos e reconhecidos que sejam os seus princípios gerais, os seus métodos e os seus fins, pô-los de novo em foco para melhor fazer apreciar os resultados que delas esperamos para a saúde das nossas crianças e para o futuro da raça.

Regras gerais de educação física.—Para obter da educação física o melhor rendimento possível, é necessário precisar bem os seus fins, pois assim melhor poderemos estabelecer-lhe as condições.

A educação física deve por si mesma e para proveito próprio obter resultados de ordem fisiológica e de ordem médica:

Deve ajudar, provocar e dirigir o desenvolvimento geral do organismo e mais particularmente o das grandes funções vitais: as funções circulatórias, respiratórias e digestivas.

Deve, além disso, aumentar a resistência à fadiga e recuar os limites do esgotamento de fôrças.

Deve emfim desenvolver a destreza, a agilidade e a habilidade corporais.

Sob o ponto de vista médico devemos pedir à educação física a correcção das atitudes viciosas, consequência tam frequente dos trabalhos e da sedentariedade escolares, pelas atitudes metódicas de correcção.

A educação física, metódicamente organizada, não deve ser considerada senão como uma das partes da educação integral, como um dos ramos da trilogia pedagógica. Por isso mesmo deve, tendendo para o mesmo objectivo, associar os seus métodos e combinar os seus esforços com os da educação intelectual e moral.

Ensinará pois à criança como obter de todo o trabalho físico o melhor rendimento possível com a menor fadiga;

Suscitará o esforço pessoal, desenvolverá o espirito de iniciativa e educará a vontade;

Será, pelos seus métodos e pelos seus exercícios, a melhor lição de solidariedade, de disciplina, de abnegação e de sacrifício do indivíduo à colectividade.

Mas, para obter tais resultados, a educação física deverá preencher certas condições que não irei decerto estudar nas suas minúcias mas que devo entretanto mencionar.

É bem evidente que a primeira destas condições é a de não prejudicar o desenvolvimento físico da criança, e a mim próprio me censuraria de toda a insistência neste ponto se não tivessem celebrado o valor educativo de exercícios violentos, de desportos, de desafios que se devem proscriver da educação física porque são nocivos ao desenvolvimento normal da criança.

A educação física não dará, para o melhoramento da raça, todos os resultados que dela se esperam senão quando fôr obrigatória para todos os alunos, de todas as escolas públicas ou particulares, em todos os graus de ensino. Todavia convém fazer certas reservas sobre a necessidade de dispensas totais ou parciais, temporárias ou permanentes, para os doentes, os convalescentes, os anormais físicos ou pedagógicos. Para estes últimos a educação física recorrerá a métodos e a processos apropriados, sob o mesmo título e pelas mesmas razões que a educação intelectual e moral.

Não teria insistido sobre a necessidade de tornar obrigatória a educação física se os maiores obstáculos à sua organização metódica não tivessem sido o desprezo dos alunos pelos exercícios, de que desconhecem o valor educativo; a indiferença dos pais, que não lhe compreendem a importância; a aversão das municipalidades, que receiam as despesas que necessitaria o facultar à educação física locais apropriados e espaços suficientes; enfim a hostilidade dos mestres do ensino que temem ver reduzir os programas da educação intelectual e restringir o tempo que lhe consagram os horários, e que tem pouco desejo de assumir as responsabilidades de accidentes sempre possíveis no decorrer dos exercícios físicos.

A inanidade da maior parte destas objecções é demasiado flagrante para que seja útil combatê-las. Quanto ao receio legítimo das conseqüências da responsabilidade civil dos mestres em caso de accidente, seria fácil fazê-lo desaparecer, quer modificando a lei, quer recorrendo à protecção dos seguros contra êsses riscos.

As condições essenciais da educação física são, depois da obrigatoriedade, a adaptação à idade, ao sexo, às estações e ao tempo, e a regulamentação, que evitará nomeadamente aproximar demasiado os exercícios físicos das refeições ou das sessões de trabalho intelectual. Meia hora de repouso ou de exercício livre moderado, de recreio, deve sempre preceder os tempos de trabalho intelectual ou seguir as refeições.

É, portanto, apenas à tarde, ou melhor, durante as manhãs livres da quinta-feira ou do domingo que se poderá autorizar os exercícios físicos intensos; e ainda assim não se lhes deve consagrar mais do que um tempo limitado, porque devemos temer o

esgotamento físico pela mesma razão que o esgotamento intelectual.

Emfim, todos os exercícios de educação física, quaisquer que sejam, devem ser educativos para serem úteis, recreativos para serem atraentes. Consignaremos a êste respeito o interêsse que haveria em tornar o jôgo mais educativo e os trabalhos manuais ou a gymnástica mais recreativos: só o desconhecimento desta regra geral pôde levar a dúvidar da virtude educativa dos jogos e das qualidades recreativas da gymnástica.

A trilogia da educação física.— A educação física comporta essencialmente três grandes categorias de exercícios que, ao passo que visam aos mesmos objectivos, a saber, o desenvolvimento normal do organismo e o aperfeiçoamento das faculdades físicas da criança, recorrem, contudo, a métodos e a processos diferentes: são os trabalhos manuais, a gymnástica e os jogos, que constituem o que se pode chamar a *trilogia da educação física*.

Por esta razão nunca nós deixámos, há muitos anos, de reclamar a sua organização nas escolas: é à guerra, que acaba de lhe demonstrar a necessidade, que pedimos que faça também compreender a sua urgência.

Os trabalhos manuais.— Os trabalhos manuais, que devemos encarar como um exercício pedagógico e não como um exercício de ordem profissional, tendo sempre em conta certas necessidades locais, tais como a própria situação da escola, na cidade ou no campo, devem ter por fim immediato a educação da habilidade manual da criança. Mais do que nenhum outro método de educação física, elles cooperarão com a educação intelectual e moral.

Em conferências das mais sugestivas, feitas há alguns anos sob o patrocínio da Liga Francesa da Higiene Escolar, Mr. July mostrava-nos como se podia, graduando e sistematizando estes exercícios, ensinar a criança, pelo trabalho da madeira ou do ferro, a construir, em primeiro lugar, as figuras geométricas mais simples, depois, ornatos cada vez mais complicados.

Os trabalhos manuais em campos de experiências agrícolas poderão, noutros casos, permitir que se ensine a criança a cavar, a semear, a enxertar, a arborizar, ao mesmo tempo que a iniciamos praticamente aos conhecimentos da história natural.

Esperemos que se saberá aproveitar das lições da guerra e que a gymnástica, emfim reabilitada, terá nos nossos programas e nos nossos horários o lugar que lhe pertence, e que devia ser um lugar de honra.

Quanto às escolas primárias, quereríamos que as disposições do decreto de 8 de Agosto de 1890, que dizem apenas respeito às escolas de Paris, fôsem generalizadas, e que se consagrassem obrigatoriamente cada dia à gymnástica, em todas as escolas primárias, meia hora para as crianças de menos de dez anos de idade e três quartos de hora para os estudantes de mais idade.

Nos estabelecimentos de ensino secundário pediremos, com o coronel Coste, que se consagre cada dia à gymnástica o mesmo tempo que nas escolas primárias para os estudantes da mesma idade, e trinta e cinco a cinquenta minutos para os alunos de treze a dezasseis anos. Quanto aos alunos de mais de dezasseis anos, cujos programas e horários estão mais sobrecarregados em virtude da preparação para os exames ou para os concursos, poder-nos-íamos contentar com reservar à gymnástica quarenta a sessenta minutos três vezes por semana.

Não discutirei o valor respectivo dos diferentes métodos de gymnástica, que levantaram, da parte dos seus adeptos, discussões apaixonadas, pouco proveitosas aliás para a organização da gymnástica nas nossas escolas. Contentar-me hei com recordar que o Sr. Dr. Dufestel, cuja competência e proselitismo em matéria de educação física são conhecidos, estabelece nitidamente os princípios e os objectivos da gymnástica.

Mostrou êle claramente que a gymnástica, nos seus métodos e pelos seus processos, deveria sobretudo procurar desenvolver as funções respiratórias, favorecer o crescimento do esqueleto, crescer a força muscular e aperfeiçoar a coordenação dos movimentos, de modo a que a criança aprenda a executar um trabalho perfeito com a menor fadiga.

A gymnástica, acrescenta o Dr. Dufestel, não atingirá completamente estes resultados senão quando fôr fisiológica e racional, quando fôr regulamentada, graduada, doseada de modo a não arrastar consigo nem sufocação, nem esgotamento físico, emfim, quando, não contente com ser educativa para ser útil, seja também recreativa para se tornar agradável.

Para as obras post escolares o Dr. Dufestel reserva a gymnástica de correcção, destinada a combater as atitudes viciosas e as deformações de origem profissional.

Bem que me não seja possível abordar aqui o exame crítico dos métodos de gymnástica, devo, contudo, na previsão duma organização, que espero próxima, da gymnástica nas nossas escolas, reclamar a exclusão do método alemão, chamado ainda acrobático ou atlético, que não tem valor algum educativo e que é mesmo deplorável sob o ponto de vista pedagógico, porque não recorre senão à brutalidade e apenas ensina a cabotinice.

Para as meninas, os trabalhos de costura, de corte, de bordado e a cozinha, constituirão úteis lições práticas de ensino doméstico, desenvolverão a sua engenhosidade, o seu gosto e a sua habilidade manual.

Estes exercícios físicos de trabalho manual existem, é facto, em um certo número de escolas primárias, embora estejam apenas raramente instituídos nas escolas de rapazes. Não existem nos estabelecimentos secundários e Mr. July contava-nos o insucesso das suas tentativas a despeito do interêsse crescente que suscitavam nos alunos.

¿ Pois não era, aos olhos de certos mestres, consagrar indevidamente a estes exercícios o tempo arrebatado aos exercícios de se-

dentariedade escolar, que crêem mais útilmente empregar impondo à criança ditados de resumos ou a cópia dum mesmo exercício sobre cadernos de formatos diferentes ou fôlhas volantes?...

Estes trabalhos manuais, que não exigem grande esforço físico, seriam útilmente colocados depois da meia hora de repouso que deve seguir-se ao almoço.

A sua duração seria de uns três quartos de hora, e precederiam imediatamente as duas horas de sedentariedade escolar necessárias para as aulas da tarde.

Objectou-se à organização escolar dos trabalhos manuais a necessidade dum ferramental especial, de instalações apropriadas e de mestres especializados. Isso é realmente evidente, e mas os benefícios que dêles tiraria o estudante, qualquer que seja a sua idade, sexo e condições sociais, não justificariam a instituição dos trabalhos manuais em todas as nossas escolas públicas e particulares, e em todos os graus de ensino?

A gymnástica.—A gymnástica, se bem que tenha estado em honra entre os antigos sem prejudicar a produção intelectual, artística ou literária da Grécia ou de Roma, nunca teve os favores nem dos estudantes, nem dos seus pais, nem dos mestres. Despresada por uns, desconhecida por outros, nunca pôde, a despeito dos esforços dalguns dos grandes mestres da Universidade, conquistar o lugar que de direito lhe competia na educação da criança.

Contudo, nestes últimos anos, alguns esforços de reabilitação da gymnastica foram coroados de successo, sobretudo no ensino primário, e seria injusto passar em silêncio os esforços dos mestres dêste ensino, um bom número dos quais segue os cursos da Escola de Join-Ville, e a autoridade universitária superior que favoreceu eficazmente a organização e o desenvolvimento da gymnástica nas escolas primárias.

Todavia, se bem que o decreto de 8 de Agosto de 1890 tenha prescrito para as escolas de Paris que consagrem cada dia aos exercícios físicos, não compreendidos os trabalhos manuais, duas horas, das quais se reservaria para a gymnástica pelo menos meia hora para as crianças de menos de dez anos de idade, estamos longe de ver applicados os regulamentos escolares.

A situação é bem pior ainda nos estabelecimentos de ensino secundário, onde a educação física continua sempre tam desconhecida, sempre tam desprezada como o era noutros tempos, não deixando o crescente sobrecarregar dos programas, e sobretudo o mau emprego do tempo, absolutamente lugar algum nos horários para os exercícios físicos.

Há certamente algumas excepções, e podem citar-se liceus em que a educação física está em honra; mas é apenas a excepção e devia ser a regra.

O método sueco tem um valor educativo muito grande, mas tem o defeito de ser demasiado correctivo e demasiado pouco recreativo.

Por isso devemos, pois, recorrer a um método mais eclético, melhor adaptado ao nosso temperamento, menos exclusivamente edu-

cativo e mais recreativo que o método sueco; é o método chamado francês que, ao passo que recorre aos processos do método sueco, lhe ajunta em proporções variadas, segundo a idade e o sexo das crianças, exercícios nos aparelhos, evoluções colectivas ritmadas, passos compostos, exercícios de salto, a corrida, jogos variados.

O Dr. Dufestel aconselha, e eu compartilho a sua opinião, que nos contentemos, para a criança de menos de dez anos, com exercícios de gymnástica sueca adaptados ao nosso temperamento e tornados recreativos. Para as crianças de mais de dez anos de idade, aconselha recorrer aos aparelhos para desenvolver mais a força muscular e para tornar a gymnástica mais recreativa. Assim graduado segundo a idade e o sexo dos estudantes, o método francês chega progressivamente aos exercícios de aplicação que são uma verdadeira preparação e como que uma introdução aos jogos ao ar livre e aos desportos, de que passo a falar-vos.

Jogos ao ar livre e terrenos de jogos.— Comquanto haja grande vantagem em praticar a gymnástica ao ar livre, pode-se contudo executar os seus exercícios em salas cobertas, em alpendres: é mesmo uma das grandes vantagens da gymnástica o poder ser executada em todas as estações e em todos os lugares.

Acrescentarei que as sessões podem mesmo ter apenas uma duração bastante restrita, de três quartos de hora a uma hora quando muito, o que permite encontrar-lhes um lugar no horário dos exercícios escolares, intercalando, como convém, períodos de repouso entre as sessões de gymnástica e as sessões de trabalho intelectual ou as refeições.

Não se dá o mesmo com os jogos que exigem espaço e tempo; não falo aqui naturalmente dos jogos livres a que se entregam os estudantes durante curtos e raros recreios em pátios geralmente pequenos demais. Estes jogos livres não são mais, na realidade, do que uma utilização agradável dos momentos de repouso intercalados entre as horas de sedentariedade escolar. Não reclamam mais espaço visto que o tempo lhe é parcimoniosamente medido.

Quando falamos de jogos, considerados como exercícios de educação física, como processo pedagógico, temos apenas em vista os jogos ao ar livre, os que exigem espaço pois que lhes damos o tempo dos dias feriados e das férias.

Ora veremos em breve que se é fácil encontrar o tempo necessário para os jogos ao ar livre, é muito menos exequível reservar-lhe o espaço que elles exigem.

Embora a gymnástica e os jogos tendam para o mesmo objectivo, a educação física do estudante, os seus processos são tam diferentes que difficilmente se imaginava até estes últimos tempos o fim educativo dos jogos ao ar livre.

Todavia nestes últimos anos demoliram-se os limites que separavam a gymnástica dos jogos, tornando a primeira mais recreativa e os segundos mais educativos.

Acabamos de ver que os exercícios de gymnástica educativa regulamentados e graduados se iam convertendo progressivamente

em exercícios de aplicação que não eram mais que uma introdução natural aos jogos ao ar livre.

O grande sociólogo inglês Herbert Spencer, comparando a gymnástica ao jôgo, não hesitava em conceder a êste a preferência. Que a gymnástica, escrevia êle, «seja melhor do que nada, admitimos; mas que seja um equivalente do jôgo, negamo-lo formalmente. Os inconvenientes do exercício gymnástico são ao mesmo tempo positivos e negativos. Em primeiro lugar, os movimentos regrados, necessariamente menos variados que os que resultam dos jogos das crianças, não asseguram uma distribuição igual de actividade entre todas as partes do corpo, donde resulta que, recaindo o exercício sôbre uma parte sómente do sistema muscular, a fadiga chega mais cedo do que chegaria sem êsse facto;—o que, diga-se em parêntese, conduz, se se persiste nestes exercícios, ao desenvolvimento desproporcionado de certas partes do corpo. Depois, não só a quantidade de exercício executado é desigualmente distribuída, mas, não sendo êsse exercício acompanhado de prazer, é menos salutar. Mesmo quando não aborrecem os alunos só como lições, estes movimentos monótonos tornam-se fatigantes, por falta de estimulante. É utilizada, é certo, a emulação em guisa de estimulante; mas não é um estimulante contínuo como o do prazer que se liga aos jogos variados».

Sem dúvida alguma Herbert Spencer não dirigiria hoje à gymnástica as mesmas censuras e admitiria connosco a regulamentação dos jogos, condição necessária do seu valor educativo. Por isso não citei a opinião do grande sociólogo inglês senão para fazer compreender o alcance das modificações que se tem introduzido nos exercícios de gymnástica.

Não seria hoje razoável comparar a gymnástica aos jogos e preferir-lhes estes últimos: ela é a preparação pedagógica para os exercícios de aplicação que constituem essencialmente o jôgo.

Os jogos, verdadeira educação física aplicada e relativamente livre, devem contudo ser sujeitos a vigilância regulamentada. O Dr. Lutter Gulick, presidente da Playground Association de Nova York demonstrou-nos a necessidade de o fazer. «Sem fiscalização, escreve êle, não há liberdade, porque os rapazes mais velhos e mais fortes apoderar-se hão da maior parte, senão da totalidade do espaço, para nele jogar a bola, ou qualquer jôgo dêste género, ao passo que as outras crianças serão reduzidas ao papel de espectadores mais ou menos interessados. Isto leva directamente ao desenvolvimento da força bruta e à cultura do egoísmo. Que um director de jogos sabendo do seu officio intervenha então: saberá por experiência sugerir partidas que os grandes podem jogar e que não monopolizam todo o espaço, e designará para os pequenos uma superfície sufficiente para que possam também livremente divertir-se. É sob uma forma particular a eterna verdade de que não há liberdade sem leis e sem ordem».

Não se pode expor melhor a necessidade da fiscalização e regulamentação dos jogos; por isso mesmo os americanos tem professores especiais que asseguram aos jogos ao ar livre todo o seu valor educativo, sem que por isso sejam menos recreativos.

Assim compreendido, o jôgo ao ar livre não só completa os exercícius de gymnástica desenvolvendo o vigor físico, a destreza e a agilidade corporais, mas torna-se do mesmo passo o melhor coadjuvante prático da educação intellectual, provocando na criança as combinações racionadas, a apreciação judiciosa e pronta das condições do jôgo, inspirando-lhe o espirito de iniciativa e o hábito da decisão, ensinando-lhe emfim a apreciar com precisão as qualidades e os defeitos dos parceiros e dos adversários, condição necessária da constituição das *équipes* e da orientação da partida.

Os jogos ao ar livre não cooperam menos íntimamente com a educação moral que com a educação intellectual, suscitando a emulação da criança, dando-lhe uma lição constante e viva de solidariedade, e por vezes mesmo de abnegação e de sacrificio, apertando os laços de camaradagem que unem os estudantes entre si e com os seus antigos camaradas admitidos em certas condições a servir-se dos terrenos de jogos. ; Os jogos ao ar livre não são emfim a melhor maneira de educar a vontade e inspirar o espirito de disciplina?

Os jogos ao ar livre, tam desenvolvidos no estrangeiro e de que mal se começa a compreender o objectivo e apreciar os resultados na educação física da infância não tem ainda podido ser oficialmente organizados nas escolas por variadas razões.

Um dos principais obstáculos está na responsabilidade civil dos directores de estabelecimentos escolares e dos mestres em caso de accidente. Sabemos que o Estado fará desaparecer êste obstáculo quando quizer substituindo a sua responsabilidade à dos professores.

Por outro lado, os jogos ao ar livre exigem tempo e espaço. A primeira destas condições não pode constituir um obstáculo para a instituição dos jogos ao ar livre que occuparão o estudante durante os dias feriados e as férias.

Quanto à necessidade de pôr à disposição do aluno terrenos vastos e apropriados, preparados com vista ao seu destino a campos de jogos, constitui decerto um obstáculo tanto mais sério quanto êsses terrenos são difíceis de encontrar na vizinhança immediata das cidades e quanto a sua compra ou a sua locação serão sempre mais ou menos onerosas.

; Mas devemos acaso regatear aos nossos filhos o ar livre e a saúde?

A discussão da organização dos terrenos de jogos levar-me-ia muito longe para que possa aqui abordá-la; só ela justificaria uma longa conferência.

Contentar-me hei pois com recordar, sublinhando-lhes a importância, e pedindo para elas os vossos votos, as conclusões de um relatório apresentado pelo comandante Converset ao III Congresso Internacional de Higiene Escolar realizado em Paris em 1910.

«Os terrenos de jogos, concluía o relator, são não só úteis mas indispensáveis para os estudantes, pela mesma forma que o ar e a luz. Devem ser, também, quanto possível, situados na proximidade immediata dos edificios escolares se se quere que êles prestem

verdadeiramente os serviços que dêles se deve esperar para a higiene e para o treino físico da nossa mocidade. Aguardando a realização dêstes desideratos quanto às escolas a criar, compete às municipalidades estabelecer nos jardins públicos e nos parques espaços livres à disposição dos estudantes e das crianças.

Os terrenos de manobras militares deviam igualmente poder ser utilizados para os jogos das crianças em condições a determinar segundo acôrdo entre as autoridades interessadas. Quanto às municipalidades que não fizeram ainda entrar a questão dos terrenos de jogos no plano de organização das suas povoações, é para elas um dever urgente completar esta lacuna».

A estas conclusões tam judiciosas seja-me permitido acrescentar que, visto que se trata de impor às cidades de mais de 10:000 habitantes a obrigação de estabelecer um plano de extensão e de embelezamento, seria desejável e urgente prever nesse plano de extensão terrenos de jogos reservados para os alunos das suas escolas. Seria, além disso, fácil às administrações competentes não conceder às municipalidades a permissão de construir escolas ou liceus senão sob a condição de lhes juntar terrenos de jogos.

Não posso entrar nas minúcias desta organização e tenho de me contentar com chamar a atenção para a sua importância e em invocar as lições da guerra para reclamar a sua execução.

Exercícios físicos complementares de aplicação.—Ao lado dos exercícios fundamentais da educação física que acabo de estudar rápidamente, devo mencionar, sob o título de exercícios complementares, certos exercícios de aplicação como os do método Hebert, que haveria grande interêsse em encorporar nos programas de gymnastica, ou outros, que poderiam, ao lado dos jogos ao ar livre, ser praticados nos dias feriados ou nas férias: tais são, segundo as condições múltiplas de clima, de estação, de lugar, os exercícios de natação, de remo, de patinagem, de *ski*, o boxe ou mesmo, pôsto que o seu valor seja menor, a esgrima e a equitação.

Os passeios e as excursões que servem ao mesmo tempo para a instrução geral e para o treino físico, devem ser aconselhados aos estudantes e generalizados nas escolas.

O mesmo se dá com as excursões escolares organizadas pelo Club Alpino, que tam útilmente ocupa o tempo das férias, fazendo conhecer aos estudantes as regiões da França, treinando-o para a marcha, habituando-o a desembaraçar-se, dando-lhe o gôsto e o hábito das viagens. Não é possível imaginar cooperação mais íntima dos processos de educação das faculdades físicas, intellectuais e morais.

*
* *
*

Nesta conferência, um pouco longa, e que eu teria querido fazer breve, procurei tirar da guerra actual os ensinamentos que ella comporta para a hygiene escolar.

Pareceu-me que cada facto de guerra, assim como o conjunto das operações militares, nos demonstrava a necessidade de aperfeiçoar a educação física da nossa juventude e de a fazer cooperar com a educação intelectual e moral para fazer dos nossos estudantes de hoje homens disciplinados, dotados de vontade, de iniciativa e de resistência, tendo ao seu dispor uma alta cultura física, capaz de assegurar às suas faculdades intellectuais e morais o melhor rendimento possível.

Espero que, advertidos pela experiência, compreenderemos melhor as lições da guerra actual do que compreendemos as da guerra fatal de 1870. ; Pudéssemos nós nunca mais cair no erro e na puerilidade da instituição dos batalhões escolares! Lembremo-nos da crítica fina e sensata que dêles fazia o general Chanzy quando nos dizia: «Dai-nos homens, nós faremos dêles soldados», e digamos à escola para nos dar homens de que França forme, segundo as necessidades, soldados disciplinados, bravos e desembaraçados, industriais activos e engenhosos, sábios e artistas cujas obras levem para lá das fronteiras a glória e a inspiração fecunda do seu país.

Para obter êste resultado demos à nossa mocidade o que lhe falta, uma educação física tam sólida como a educação intellectual e moral que nunca lhes faltou.

Não deixarão de nos objectar que, para organizar a educação física, é preciso, em primeiro lugar, encontrar o tempo necessário, impossível de encontrar nos horários demasiado pejados.

É uma objecção sem valor, porque não é mais que uma má desculpa de perdas de tempo sem proveito para a educação intellectual que pretende salvaguardar, do mesmo modo que para a educação física que indevidamente faz malograr.

Êste tempo, necessário para a educação física, encontrá-lo hemos, sem restringir em nada os nossos programas, quando o quisermos, no dia em que se suprimir enérgicamente nos exercícios escolares tudo o que é inútil e supérfluo; no dia em que se consinta em não mais impor aos alunos, abundantemente providos de livros escolares notáveis e de todos os tamanhos, o ditado de resumos dos mais volumosos dêses livros, ou de comentários aos mais pequenos; no dia, emfim, em que se deixar de lhes impor a cópia, por vezes em vários exemplares, de exercícios ditados ou copiados dos seus livros.

Que os mestres do ensino aprendam a não mais perder o seu tempo e a não mais o fazer perder aos seus alunos e terão, do mesmo passo, dado a estes uma lição duma excelente pedagogia e permitido attribuir à educação física as horas que lhe tiram indevidamente e sem proveito.

Será desde então fácil encontrar, cada dia, antes do almoço, uma hora de que se disporá a favor da gymnástica, e depois do almoço e do repouso consecutivo, três quartos de hora a uma hora que se attribuirão aos trabalhos manuais.

Acrescentemos que é da mais alta importância não comprometer os exercícios físicos da quinta-feira e do domingo por trabalhos escolares, exercícios ou lições, que tornam a tirar à criança o tempo que se fez menção de conceder-lhes para o repouso.

A realização dêste programa constitui, a meus olhos, um mínimo de reivindicações.

Seguindo-a com toda a nossa energia, com toda a nossa convicção activa, teremos tirado da guerra a lição que ela comporta, visto que cada dia ela nos ensina que o homem não vale senão pelo desenvolvimento harmonioso das suas faculdades físicas, intellectuais e morais e que é urgente juntar à cultura das faculdades intellectuais e morais da criança, a das suas faculdades físicas, únicas capazes de permitir-lhe valorizar as primeiras.

Teremos assim feito aproveitar a nossa mocidade e a nossa raça das lições da guerra, à qual, a despeito dos seus horrores e das lutas que acumula, deveremos uma França mais bela, mais fecunda e mais forte, depositária resoluta e dispensadora generosa dos benefícios da vitória próxima.

(Traduzido da *Revue d'Hygiène et de Police Sanitaire*, tome xxxvii, 20 Mars 1915).

Uma carta dirigida ao jornal «A Capital» a propósito dos nossos cursos nocturnos

Ex.^{mo} Sr. Director da *Capital*.—Uma entrevista, com pessoa que se não nomeou, publicada em *A Capital* de 28 de Julho, sob a epigrafe: *Combate-se o analfabetismo?*, foi lida nas últimas sessões pelas direcções das Ligas Nacional de Instrução e Popular contra o Analfabetismo, e encontraram nela insinuações que julgam dever esclarecer, para que essas duas instituições não fiquem mal-sinadas perante leitores que por acaso não conheçam as suas obras ¹;

¹ Eis a parte dessa entrevista a que se refere esta carta:

«A retribuição do trabalho dos professores das Escolas Móveis era primitivamente remuneradora, se atendermos à forma ridícula e deprimente como se paga ao professorado primário. Tal o motivo por que muitos professores officiaes resolveram sacrificar o seu repouso, consagrando-se ao ensino nocturno, visto que percebiam mais uns 25\$ mensais. Mas isso foi sol de pouca dura, não tendo ido além de um ano. Hoje, salvo êrro, um professor official, se quiser acumular com o curso nocturno móvel, percebe apenas mais 9\$...

¿ Quem admite a sério que se remunere tam árduo trabalho com semelhante quantia? ; Eu, que o sei bem avaliar, pois lhe consagrei a minha boa vontade durante uns longos sete anos, posso falar com verdadeiro conhecimento de causa e por isso afirmo que é preferível trabalhar de graça!

Mas há pior... Alguém especulou com o caso, alguém obteve dinheiro dos cofres do Estado, e que o Govêrno forneceu na melhor das intenções, para se organizarem cursos nocturnos mixtos em Lisboa, ; pagando-se com êle 6\$ mensais a professoras diplomadas! Parece inacreditável, mas é verdadeiro ...

¿ Pode, por acaso, comprehender-se que, tendo o Govêrno um inspector privativo das Escolas Móveis, para fiscalizar o ensino, não tenha quem official-

e por isso me encarregaram, como consta das respectivas actas, de escrever a V. Ex.^a rogando-lhe a fineza de fazer publicar no seu interessante jornal as seguintes considerações:

1.^a A Liga Popular contra o Analfabetismo tem por fim especial atacar o analfabetismo, principalmente nas classes operárias indo levar a primeira instrução às próprias associações de classe; a Liga Nacional de Instrução tem um âmbito mais vasto; porê, ambas se auxiliam mútuamente no campo da instrução popular. Por isso aquella estabeleceu cursos nocturnos de analfabetos, segundo certas disposições determinadas pelo Ministro que a subsidiou, e esta, para auxiliar e ampliar os trabalhos daquela, retirou do seu cofre uma pequena verba com que criou alguns cursos de aperfeiçoamento ao lado daqueles de analfabetos.

2.^a Essas duas Ligas gratificaram êste ano algumas das suas professoras, que davam duas horas de lição em cinco noites por semana, apenas com 6\$ mensais. Mas isto fez-se porque ambas as ligas lutam com a falta de dinheiro e eram muitos os requerimentos de associações que pediam cursos e que não puderam ser atendidos como também eram muitas, apesar da pequenez da gratificação, as professoras diplomadas, que pediam para leccionar nesses cursos, e ainda por menor preço, às quais entretanto não foi possível dar colocação.

3.^a O facto de haver tantas professoras diplomadas em Lisboa a oferecer-se para leccionar por pouco dinheiro, resulta de todos os anos sair da Escola Normal uma grande quantidade de diplomadas que, por serem muito novas e não lhes convir separar-se das famí-

mente fiscalize também a remuneração, tarefa de que o mesmo inspector podia ser encarregado?

Há uma tabela de ordenados referentes ao cumprimento de certos horários; ora quem deseja que se cumpram os segundos deve exigir que se faça igualmente o pagamento integral da mesma tabela ...

Em minha opinião, o Estado não deve ter intermediários para pagar aos professores das Escolas Móveis, como os não tem para os das outras escolas officiais. O Estado paga com verba orçamental aos professores das Escolas Móveis, portanto é êle que fiscaliza, é êle que deve pagar directamente. Claro está que assim não se coarcta a liberdade dos autores dos diferentes métodos de ensino de indicarem quem deve reger os cursos, mas não são êles que do seu bôlso pagam, arvorando-se em árbitros da verba que despendem a seu talante. O Estado não lhes deve dar um centavo ... ; para que, diante do público, passem por beneméritos e altruístas, pagando \$20 diários às professoras!

Consta que foi nomeada uma comissão para regulamentar o funcionamento das Escolas Móveis. Dela faz parte, com certeza, o Sr. inspector Bernardo Gomes, que bem compreende, pelos resultados obtidos com os diferentes métodos, que deverá ser aberto um concurso ao qual todos os autores possam concorrer livremente e indicarem os professores que propõem.

Mas a remuneração deve ser paga, directa, única e exclusivamente pelo Estado.

Organizar Ligas para receber dinheiro do Estado é um sofisma inadmissível e um prejuízo para o progresso do ensino, acarretando também responsabilidades perniciosas, como haver cursos mixtos para adultos analfabetos, contra todos os princípios da moral e da pedagogia».

lias para ir ensinar nas aldeias, ficam por Lisboa e seus arredores dedicando-se ao ensino particular de colégios e associações que as não podem gratificar generosamente.

4.^a As professoras diplomadas que as duas Ligas empregaram nos cursos nocturnos eram geralmente professoras que acabavam de sair da Escola Normal e que portanto, não sendo conhecidas, desejavam notabilizar-se no ensino para depois obterem maiores proventos. E de facto assim aconteceu com quasi todas, porque tendo agrado o seu serviço, conseguiram ser chamadas para o ensino diurno dalgumas escolas, ou lhes foi aumentada a gratificação, de modo que todas elas se mostram agradecidas e pedem para ser reconduzidas.

5.^a Ambas essas Ligas têm como princípio aumentar a gratificação às professoras que forem provando melhores resultados no seu ensino, com também retirá-la totalmente àquelas que provarem o contrário. Assim uma professora que no ano transacto começou recebendo 5\$ mensais, passou depois a receber 7\$, e este ano já recebeu 10\$. E a razão disto foi que essa professora ensina as primeiras letras com tal aptidão e dedicação que este ano foi mandada para uma escola onde se julgava muito difficil estabelecer o curso nocturno, por ter ficado muito desacreditado o que lá funcionara o ano passado, regido por um professor que ganhava 25\$ mensais ao Estado e ensinava de tal maneira que quasi chegou a não ter frequência nenhuma, ao passo que a tal professora, tendo começado apenas com oito alunas, ao fim dum mês já tinha mais de trinta, tendo durante meses ainda maior frequência e com muito bons resultados, o que tudo é certificado pela direcção do centro onde esses cursos funcionaram.

Ora este sistema de variar a gratificação conforme os melhores ou piores resultados do ensino, só associações particulares o podem seguir e não o Estado, que geralmente estabelece os ordenados segundo as categorias dos professores e vai pagando igualmente tanto aos bons professores como aos que o são menos.

Demais estas Ligas não admitem interrupções no ensino dos cursos, porque, como têm nas direcções dos próprios centros os fiscaes da frequência e têm muitas professoras à espera de lugar, fazem substituir immediatamente as que faltam por doença ou qualquer outro motivo, mas sempre em acôrdo dumas com as outras. E isto também o não tem executado o Estado e ser-lhe-ia quasi impossivel ou muito difficil pô-lo em prática.

6.^a Alguns cursos nocturnos destas duas Ligas foram mixtos, isto é, foram frequentados juntamente por homens e mulheres. Mas este facto não causou nenhum desgosto sério, porque só se pratica em associações, onde os próprios directores são os fiscaes da frequência escolar e se responsabilizam pela respeitabilidade do curso, reprimindo os primeiros sintomas contrários a ela. E a prova de que se procedeu bem está no aplauso com que D. Alice Pestana (Caiel) distinguio um destes cursos mixtos a que assistiu e que funcionava na Associação de Ensino Liberal, junto à Praça do Brasil, como pode testemunhar a benemérita e respeitável direcção dessa

escola¹. De resto a coeducação é já hoje um princípio estabelecido, e se pratica não só no estrangeiro mas também em alguns estabelecimentos oficiais e particulares do nosso país, onde não falta a fiscalização acomodada.

7.^a Com respeito a métodos ambas as Ligas deixam liberdade de escolha ao professorado e às Associações onde funcionam as escolas. A êste propósito a Liga Nacional de Instrução fez inserir no relatório da sua gerência de 1909-1910, na página 44, o seguinte :

«Com relação aos métodos empregados nas escolas dos nossos núcleos sabemos que são diversos, e, tendo sido a Direcção da Liga consultada por vezes sobre êste ponto, ela, entendendo que a maior liberdade do professor combinada com a maior responsabilidade é a que dá maiores garantias de êxito, resolveu na sessão de 25 de Fevereiro de 1910 que se fizesse público que a Liga Nacional de Instrução não se interessa pela adopção de quaisquer métodos nas escolas a cargo dos vários núcleos da Liga».

E a Liga Popular contra o Analfabetismo inscreveu, nos seus estatutos impressos, o artigo 5.^o, que diz :

«O professorado das nossas escolas tem liberdade de adoptar os métodos de leitura que lhe pareçam mais convenientes, devendo, para que a sua opinião seja consciente, conhecer os principais métodos usados em Portugal pelo menos, exigindo-se-lhe êste conhecimento para a sua nomeação».

8.^a O que está escrito nos dois textos acima citados pôs-se em execução. Assim nos cursos que funcionaram êste ano sob a intervenção da Liga Popular contra o Analfabetismo foram seguidos geralmente dois métodos escolhidos pelas associações ou pelo professorado. E o gasto desta Liga com êsses dois métodos reduziu-se êste ano apenas à verba de 4\$25 para a compra dum álbum do método João de Deus, que foi para a Escola Móvel do Castelo, porque os outros álbuns dêste método ou já estavam nas escolas onde foram adoptados ou obtiveram-se por empréstimo, e os álbuns do outro método adoptado nada custaram à Liga, porque ou já estavam nas escolas onde se usavam ou foram emprestados, para as que os não tinham, que os requisitaram, o que tudo consta dos documentos da tesouraria dessa Liga. Ainda com respeito à liberdade de método, dá-se às vezes o caso que algumas associações preferem um a outros, ou porque já possuem o respectivo material ou pelos desejos manifestados pelos sócios; então a Liga procura, entre as professoras que se lhe oferecem, aquelas que preferem ensinar por êsse método e manda-a para as escolas dessas associações.

¹ D. Alice Pestana no livro que depois imprimiu em Madrid, intitulado *La Education en Portugal*, a p. 32, falando com entusiasmo destas Ligas, escreveu a respeito dos seus cursos nocturnos, a que assistiu, o seguinte : «La asistencia a estes cursos nocturnos impresioná hondamente. Allí se ve a los dos sexos confraternizando ingenuamente en el ansia de saber; al lado del niño, en la edad escolar, el viego, a quien sin duda, una vida muy dura no permitio aprender las letras hasta la edad que tan grato es enseñar a los nietos».

9.^a Ambas estas Ligas, com o desejo de prosseguir nos fins dos seus estatutos, pediram ao actual Ministro de Instrução Pública, como já tinham pedido ao Sr. Dr. Magalhães Lima, que se dignasse introduzir no orçamento do seu Ministério algumas verbas a seu favor, como se faz com outras instituições congêneres. Ambos os Ministros prometeram patrocinar êsses pedidos. A Liga Nacional de Instrução deseja edificar uma escola conforme os seus estatutos, a qual, se a Liga desaparecer, ficará pertencendo ao Estado.

A Liga Popular contra o Analfabetismo deseja levar a primeira instrução a muitas mais associações de gente pobre e descalça, como foi a maior parte da que frequentou os nossos cursos diurnos e nocturnos dêste ano, tendo havido muito trabalho da parte dos directores dessas associações e dos da Liga para se manter a frequência que se manteve, com o fruto muito auspicioso que se conseguiu. Porque por estes cursos passaram cêrca de mil alunos, entre crianças e adultos, muitos dos quais ficaram lendo, escrevendo e contando, como se pode averiguar pelos mapas estatísticos e pelo testemunho dos sócios dessas colectividades. É muito maior proveito se tiraria se a verba fôsse maior, pois não se pôde atender a muitos pedidos de diversas associações.

Agradecendo a V. Ex.^a Sr. Director da *Capital*, em nome das Direcções das duas Ligas, a publicação destas considerações, subcrevo-me com a maior consideração, de V. Ex.^a at.^o v.^{dor}

Lisboa, 2 de Agosto de 1915.

M. Borges Grainha.

Extracto das actas das reuniões da Direcção da Liga

(De Julho a Dezembro de 1916)

Acta n.^o 163 (3 de Novembro de 1916).—Lida e aprovada a acta da sessão anterior, o Sr. Borges Grainha diz o que havia a respeito do 3.^o e 4.^o números da 1.^a série dos *Arquivos*, e que em poucos dias estaria na nossa sede. Diz também que o livro do 4.^o Congresso estava sendo composto na Imprensa Nacional.

Votaram-se subsídios para as escolas das seguintes Associações:

Centro Democrático de Campo de Ourique	6\$00
Associação Escolar de Ensino Liberal	6\$00
Centro Socialista — Rua do Bemformoso, 150, 1. ^o	6\$00
Cantina Escolar de S. Miguel	10\$00
Secção de Construção Civil de Palma de Cima	10\$00
Grupo Dramático «Aurora Social» do Alto do Varejão	6\$00
Secção de Construção Civil do Alto do Pina	10\$00
Cantina Escolar Dr. Manuel de Arriaga	6\$00
Grémio Popular	6\$00

Resolveu-se também officiar a essas mesmas Associações dando notícia dos respectivos subsídios e enviando-lhes a seguinte circular:

«Tenho a honra de comunicar a V. Ex.^a que a Direcção da Liga Nacional de Instrução resolveu subsidiar a escola dessa benemérita Instituição com o subsídio mensal de . . ., que poderá ser recebido desde o último dia de cada mês em casa do Sr. Manuel Borges Grainha, na Rua da Escola Politécnica, 2, 4.º, por volta das 17 horas, até nova disposição.

Os recibos serão datados do último dia do mês, selados e assinados por pessoa competente e timbrados com o carimbo dessa Associação.

Os professores deverão ter um caderno especial da frequência e aproveitamento trimestral, que serão publicados no *Arquivo da Liga*.

Saúde e Fraternidade.—Lisboa, 22 de Novembro de 1916.—Ex.^{mo} Sr. Presidente . . .—*O Escriurário da Liga*».

Acta n.º 164 (17 de Novembro de 1916).—Lida e aprovada a acta da sessão anterior, o Sr. Borges Grainha apresentou duas fôlhas, já impressas, do livro do IV Congresso Pedagógico. Em seguida apresentaram-se vários alvitres para se fazerem imprimir as músicas das canções escolares classificadas por ocasião do IV Congresso Pedagógico da Liga, ficando a resolução dêste assunto para a próxima sessão.

Acta n.º 165 (8 de Dezembro de 1916).—Lida e aprovada a acta da sessão anterior, resolveu-se que as músicas classificadas no IV Congresso Pedagógico fôsem sendo impressas na Imprensa Nacional e publicadas, pouco a pouco, juntamente com o *Arquivo da Liga*.

Deliberou-se dar o subsídio de mais 4\$ à Escola Nocturna do Centro Socialista da Rua do Bemformoso, 150, 1.º, visto que o curso se tinha desdobrado em duas aulas, uma para os analfabetos e outra para os mais adiantados, passando o subsídio que se lhe dava de 6\$ para 10\$.

O Tesoureiro, o Sr. Sebastião Vieira e Silva, declarou terem-se recebido já 250\$ do subsídio dos 500\$ anuais, votados no Parlamento, para as escolas da nossa Liga.

Publicações recebidas últimamente

Anales de Instrucción Primaria. Año XIV, tómo XIV, n.ºs 1-6, Enero — Junio de 1916. (República Oriental del Uruguay).

Appel aux Souverains du Monde, por Alfredo Ansur.

Arquivo de Anatomia e Antropologia, publicado sob a direcção do Prof. H. de Vilhena.—Lisboa 1912-1913, 1914-1915 e 1916 (10 vol. e 1 fol.).

Arte rupestre gallego y português (Eira dos Mouros y Cachão da Rapa), por Juan Cabré Aguiló.—Lisboa 1916. (Memórias publicadas pela Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais).

Boletim de Propaganda da Associação de Escolas Móveis e Jardins-Escolas João de Deus.—Lisboa, Julho a Setembro de 1916.

Boletim mensal da Universidade Livre.—Lisboa, Julho e Agosto de 1916.

Escriturário (O) da Associação de Classe de Empregados de Escritório.—Lisboa, 8 de Novembro de 1910 a 8 de Novembro de 1916.

Exercícios de Composição e Redacção para uso das escolas primárias, pelo Prof. Eusébio de Queirós. 2.^a edição.—Pôrto 1915.

Federação Escolar (A). Semanário consagrado aos interesses da Instrução e do Professorado, n.^{os} 228 a 250 (Julho a Dezembro de 1916).—Pôrto. (Faltam os n.^{os} 230, 235, 237, 238, 241, 243 e 244).

Fomento e Riqueza. Publicação do Instituto do Amigo da Criança. Ano I. (Julho, Agosto e Setembro de 1916).

Instrução (A). Quinzenário defensor da Escola e do Professorado Primário. Ano II, n.^{os} 1 e 2 (Julho 1916).

Instrução Cívica, por Eusébio de Queirós. 2.^a edição. Pôrto 1916.

Relatório do Instituto de Cegos, do Pôrto. 1915-1916.

Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas. Órgão trimestral do Instituto. Ano XV, fasc. I e II. (Março e Junho de 1916).

Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Baía. 1.^o e 2.^o semestres. Ano XXIII, vol. XI, n.^o 42.—Baía 1916.

Publicações do Ministério das Finanças.—Direcção Geral de Estatística:

Anuário das Contribuições Directas. Parte I. Contribuição predial. Parte II. Contribuição industrial. Parte III. Contribuição de renda de casas e sumptuária. Ano civil de 1912 e ano económico de 1912-1913.—Lisboa 1916 (3 vol.).

Boletim Comercial e Marítimo. Janeiro a Julho de 1915.

Boletim mensal da Estatística do Pôrto. Apêndice n.º 1 ao 1.º semestre de 1916.

Censo Eleitoral da cidade de Lisboa. Eleições de Deputados, de Câmaras Municipais e de Juntas de Paróquia desde 1878 até hoje.— Lisboa 1916.

Censo Eleitoral da Metrópole (Câmaras Legislativas).— Lisboa 1916.

Consumo e Rial de Água.—Lisboa e Pôrto. Ano de 1915.

Exportação de Portugal nos primeiros trimestres de 1915 e 1916. Fôlha para vulgarização.

Imposto de Trânsito nos Caminhos de Ferro. Ano económico de 1913-1914 e 1914-1915.

Rial de Água. Ano económico de 1914-1915.— Lisboa 1916.

Valores das principais contribuições cobradas no quinquénio de 1910-1911 a 1914-1915. Comparação com a cobrança no quinquénio anterior (1905-1906 a 1909-1910).

**Canções escolares
classificadas no IV Congresso Pedagógico
celebrado em Abril de 1914**

Com este número do *Arquivo da Liga* publicam-se as duas canções classificadas com o 2.º prémio:

O Canto do Grilo — (2.º grupo) para crianças de 7 a 12 anos.
No Mar — (4.º grupo) para adolescentes de 14 a 20 anos.

MAPAS ESTATÍSTICOS

DOS

CURSOS SUBSIDIADOS PELA LIGA

(V. pág. 62)



LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

CENTRO DEMOCRÁTICO DE CAMPO DE OURIQUE

Curso de analfabetos

Professora, Maria Ribeiro

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões	Datas das matrículas
1	Armando Gonçalves	12	Serralheiro	12-10-916
2	José Rebêlo	15	Marceneiro	1-12-916
3	Antônio Costa	17	Carpinteiro	3-10-916
4	José Gouveia	13	Carpinteiro	3-10-916
5	Manuel Augusto	39	Trabalhador	8-11-916
6	Américo Ferreira	14	Estampador	9-10-916
7	Manuel Ferreira	16	Estampador	9-10-916
8	Pedro Marques	14	Serralheiro	1-10-916
9	Elísio dos Santos	12	Serralheiro	3-10-916
10	Raúl Pires	16	Estampador	1-10-916
11	Virgínia Gonçalves	14	Sem officio	1-10-916
12	Mário Ferreira	12	Serralheiro	1-12-916
13	Raúl Simões	13	Estampador	1-10-916
14	Eugénio António	15	Pedreiro	5-10-916
15	Joaquim António	13	Pedreiro	5-10-916
16	Venâncio Ferreira	21	Fabricante de pregos	1-10-916
17	Joaquim Marques	16	Serralheiro	5-11-916
18	Filipe Curato	17	Pedreiro	1-11-916
19	Adolfo dos Santos	15	Pedreiro	1-11-916
20	Antônio Pinto	18	Fabricante de telhas .	1-10-916
21	Isidro Firmino	15	Serralheiro	1-10-916
22	Adriano dos Santos	13	Carpinteiro	12-2-916
23	Augusto Pedro	12	Serralheiro	15-1-916
24	José Cartaxo	12	Serralheiro	10-1-916
25	José Pinto	9	Sem officio	1-1-916
26	Alberto Baptista	16	Pedreiro	15-11-916
27	Luis dos Santos	16	Serralheiro	16-1-916
28	Israel dos Santos	12	Sem officio	16-1-916
29	João Rodrigues	12	Sem officio	1-12-916
30	César Alfaia	13	Serralheiro	1-10-916
31	José Pereira	17	Torneiro	16-12-916
32	Eduardo Nicolau	14	Serralheiro	12-12-916
33	Joaquim Silva	13	Serralheiro	10-10-916
34	Deolinda Silva	15	Fabricante de envelopes	1-12-916
35	Armando Silva	12	Sem officio	1-12-916

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ESCOLA DO CENTRO DEMOCRÁTICO DE CAMPO DE OURIQUE

Curso de aperfeiçoamento

Professor, José Pinto Guedes de Paiva

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões	Datas das matrículas
1	José Alexandre	17	Operário	1-10-916
2	Tomás de Oliveira	12	Serralheiro	1-10-916
3	Abílio Rodrigues da Silva	14	Operário	1-10-916
4	António Inácio dos Santos	15	Operário	1-10-916
5	Armando Venceslau Mata.	16	Serralheiro	1-10-916
6	Augusto da Conceição Paz	15	Operário	1-10-916
7	José Henriques	16	Operário	1-10-916
8	Miguel da Graça.	14	Operário	1-10-916
9	Manuel da Paz.	13	Operário	1-10-916
10	Manuel Martins	42	Empregado público	1-10-916
11	Manuel de Bastos	13	Operário	1-10-916
12	Manuel dos Santos	14	Operário	1-10-916
13	Joaquim Figueiredo Correia	17	Operário	1-10-916
14	António dos Santos.	11	Operário	1-10-916
15	Francisco Lopes	12	Operário	1-10-916
16	Cesário Marques.	14	Operário	1-10-916
17	José Lopes	14	Operário	1-10-916
18	Abílio Fidalgo.	15	Operário	1-10-916
19	Arnaldo Luís	13	Operário	1-10-916
20	José de Albuquerque Júnior	28	Sapateiro.	1-10-916
21	António da Silva.	14	Operário	1-10-916
22	António Rebêlo	16	Operário	1-10-916
23	Carlos dos Santos	14	Serralheiro	1-10-916
24	António Freire.	14	Operário	1-10-916
25	José Maria de Jesus Lopes	15	Operário	1-10-916
26	Maximiano Mergulhão	16	Filho família	1-10-916
27	Joaquim Gonçalves.	16	Operário	1-10-916
28	Luís Garcia Coelho	14	Operário	1-10-916
29	António Maria Franco	15	Operário	1-10-916
30	Rafael dos Santos	15	Operário	1-10-916
31	Mário Nascimento	13	Operário	1-11-916
32	Raúl Alfredo Santos	14	Operário	1-11-916
33	João Belisário de Barros	12	Filho família	1-11-916
34	Gabriel de Brito.	14	Operário	1-11-916
35	José Custódio	12	Operário	1-11-916
36	Manuel Maria	13	Operário	1-11-916
37	Luís Sacadura.	13	Operário	1-11-916
38	Maria de Assunção.	12	Costureira	1-11-916
39	Jerónimo Damásio	12	Operário	2-12-916
40	José do Carmo Araújo	16	Operário	2-12-916
41	Manuel Augusto Freire.	13	Caixeiro	2-12-916
42	José dos Santos	23	Soldado	2-12-916
43	Adelino Martins	13	Caixeiro	2-12-916

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ESCOLA DA ASSOCIAÇÃO ESCOLAR DO ENSINO LIBERAL

Curso de analfabetos

Professora, Sofia Livramento de Anta

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões	Datas das matrículas
1	Duarte Silva	-	Servente de pedreiro	6-11-916
3	António Martins	-	Correeiro	6-11-916
4	Clara de Jesus	13	Criada	6-11-916
5	Alberto Duarte	-	Sapateiro	6-11-916
8	Raquel do Carmo Belas	15	Criada	6-11-916
9	Carlos Pinto	12	Serralheiro	6-11-916
10	Carlos Jácome Costa	-	—	6-11-916
11	João Gomes	13	Correeiro	6-11-916
12	Francisco Lopes	15	Criado	6-11-916
13	Paulo Bernardo Ramos	14	Serralheiro	6-11-916
14	Misael Ferreira	-	Carpinteiro	6-11-916
16	Augusto Martins	-	—	6-11-916
18	Elvira France	26	Engomadeira	6-11-916
19	Sinié Tarregaño	16	Bordadora	6-11-916
20	Mená Tarregaño	12	—	6-11-916
23	José Silva	22	Trabalhador	6-11-916
24	António Melo	-	Estucador	6-11-916
25	Augusta Roque	-	Costureira	13-11-916
26	Constantino	-	Pintor	13-11-916
28	Luis Alves	-	Serralheiro	15-11-916
29	Maria José	-	Criada	21-11-916
30	José Luís Granada	-	<i>Chauffeur</i>	21-11-916
31	Inácio Ferreira	-	Vendedor de leite	29-11-916
32	Lino Santos	-	Vendedor ambulante	29-11-916
33	Duarte Ferreira	-	Vendedor ambulante	29-11-916
34	Albertina	17	Costureira	4-12-916
35	Cândida Gomes	18	Correeira	4-12-916
36	António Santos	-	—	4-12-916
37	Ventura Santos	-	—	4-12-916
38	António Lourenço	-	—	8-12-916
39	Alberto Neves	-	—	8-12-916
40	Luis Conçalves	-	—	13-12-916
41	Manuel Lourenço	-	—	13-12-916
42	Laura	-	—	18-12-916
43	Manuel Vicente	-	Jardineiro	19-12-916
44	Manuel Ferreira	-	Jardineiro	19-12-916
45	Francisco	-	Pintor	19-12-916

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ESCOLA DA ASSOCIAÇÃO ESCOLAR DO ENSINO LIBERAL

Curso de aperfeiçoamento

Professora, Albertina de Jesus Lourenço

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões	Datas das matriculas
1	João Fernandes da Rocha	15	Serralheiro civil	6-11-916
2	Cândido Carvalho Tavares	14	Estucador	6-11-916
3	João Marques da Silva	13	Sapateiro	6-11-916
4	António Gonçalves	15	Impressor	6-11-916
5	António da Cunha Roque	13	Sapateiro	6-11-916
6	António Matos de Almeida	21	Electricista	6-11-916
7	Guilherme Duarte Ferreira	12	Sem profissão.	6-11-916
8	Carlos da Silva Marques	15	Carpinteiro mecânico	6-11-916
9	José Tomé Roque	26	Jardineiro	6-11-916
10	Isidro Vieira	18	Empregado no comércio.	6-11-916
11	Mário do Carmo	14	Ourives	8-11-916
12	António de Jesus Leitão	16	Empregado no comércio.	8-11-916
13	Leonel Leocádio de Sousa Viegas	17	Empregado no comércio.	10-11-916
14	Manuel Duarte Ferreira	14	Sapateiro	20-11-916
15	Júlio Pancadares	13	Jardineiro	20-11-916
16	Francisco Correia Nobre	13	Marceneiro.	22-11-916
17	Joaquim Augusto Malheiros. . . .	14	Criado	28-11-916
18	Pastora Gonçalves	12	Doméstica	6-12-916

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ESCOLA DO CENTRO SOCIALISTA DE LISBOA

Professora, Francisca Romero

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões	Datas das matriculas
1	Manuel Gamboa	19	Carpinteiro	1-11-916
2	José Loureiro	18	Serralheiro	1-11-916
3	Abel Raimundo	14	Empregado no comércio	1-11-916
4	Renato Pedro Costa	13	Empregado no comércio	1-11-916
5	Arnaldo Ferreira da Silva	20	Electricista	1-11-916
6	António Joaquim Afonso	19	Pintor	1-11-916
7	Francisco José Afonso	17	Pintor	1-11-916
8	José Antunes	19	Aprendiz de pedreiro	1-11-916
9	Carlos Vaz Cunha	14	Alfaiate	1-11-916
10	Dionísio Pedro	20	Pedreiro	1-11-916
11	Ermelinda dos Santos	21	Costureira	1-11-916
12	Umbelina Dias	18	Empregada na fábrica de tabaco.	1-11-916
13	Rosalina Costa	35	Engomadeira	1-11-916
14	Mário Cruz Costa	16	Correeiro	6-11-915
15	Joaquim Lucas	15	Serralheiro	7-11-915
16	Aníbal dos Reis	17	Serralheiro	7-11-915
17	João Baptista Teixeira	17	Sapateiro	9-11-915
18	Joana Mendes Chaves	14	Costureira	-
19	Tiago Rito	16	Aprendiz de carpinteiro	13-11-915
20	Júlio Santos Costa	15	Serralheiro	13-11-915
21	Mário de Almeida	15	Serralheiro de automóveis.	13-11-915
22	João Martins	25	Serralheiro	13-11-915
23	Carlos de Almeida	16	Torneiro	3-11-915
24	Eduardo dos Santos	17	Costureira	15-11-915
25	José Filipe	15	Servente	14-11-915
26	Manuel Muralha	18	Pedreiro	14-11-915
27	Augusto Vicente	28	Torneiro	14-11-915
28	Manuel António Pereira	20	Pasteleiro	22-11-915
29	António José Magalhães	28	Pasteleiro	22-11-915
30	Alfredo Silva	17	Empregado no comércio	24-11-915
31	Joaquim dos Santos	-	-	27-11-915
32	João Maria Ramos	24	Chapeleiro	18-12-915
33	José Gregório	15	Carpinteiro	19-12-915
34	Aires Abrantes	15	Torneiro de metais	19-12-915
35	Celeste Costa	12	Doméstica	26-12-915

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

CANTINA ESCOLAR DE S. MIGUEL

Professora, D. Virginia Ribeiro da Fonseca

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões	Datas das matriculas
1	Benilde da Silva	13	Aprendiza de modista	1-10-916
2	Júlia Pereira da Cruz	16	Doméstica	1-10-916
3	Maria Pereira dos Santos	14	Vendedeira	1-10-916
4	Cristiana da Costa	15	Vendedeira	1-10-916
5	Berta das Dores	16	Doméstica	1-10-916
6	Maria do Carmo	12	Doméstica	1-10-916
7	Maria dos Prazeres	15	Doméstica	1-10-916
8	Maria de Jesus	12	Doméstica	1-10-916
9	Adelina Maria	11	Doméstica	1-10-916
10	Elias Filipe	14	Aprendiz	1-10-916
11	Lucinda da Conceição	11	Doméstica	1-10-916
12	Eduardo da Silva	11	Doméstica	1-10-916
13	Américo Pinto Júlio	11	Aprendiz	1-10-916
14	Alberto Rios	12	Aprendiz	1-10-916
15	António Pereira dos Santos	12	Aprendiz	1-10-916
16	Carlos da Silva Lapa	9	Doméstico	1-10-916
17	Sertório Alfredo Alves Marques	9	Vendedor de cautelas	1-10-916
18	Maria Pereira	12	Doméstica	1-10-916
19	Hermínios Rios	8	Doméstica	1-10-916
20	Alice Rodrigues	9	Doméstica	1-10-916
21	Cacilda da Conceição	15	Aprendiza	1-12-916
22	Emília Dias	15	Vendedeira	1-12-916
23	João Dias	12	Aprendiz	1-12-916
24	José Maria	12	Aprendiz	1-12-916
25	Manuel Gonçalves	12	Aprendiz de cortador	1-12-916
26	Manuel Moura	8	Doméstica	1-12-916
27	Alberto Moura	11	Aprendiz de serralheiro	1-12-916
28	Deolinda Dias	8	Doméstica	1-12-916
29	José Pedro Madeira	11	Aprendiz	1-12-916
30	Ilda Faria	9	Aprendiza	1-12-916
31	Preciosa Maria Alves	12	Aprendiza	1-12-916
32	Joaquim dos Santos	15	Vendedor de jornais	1-12-916
33	Francisco Gonçalves	12	Aprendiz de funileiro	1-12-916

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ESCOLA DA SECÇÃO DE PALMA E ARREDORES

Curso diurno

Professora, Maria do Carmo Grova

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões	Datas das matrículas
1	António Lourenço	11	—	17-6-916
2	Américo da Conceição	8	—	12-6-915
3	Francisco Nunes Ribeiro	7	—	19-5-915
4	António Roque	10	—	12-6-915
5	Miquelina Gonçalves	9	—	12-8-915
6	Casimiro Ribeiro	7	—	1-3-916
7	António Oliveira	7	—	28-7-915
8	José Soares	9	—	8-5-916
9	Luís Vasques	9	—	10-5-915
10	Carlos Félix	6	—	17-5-915
11	Armando Vasques	5	—	10-5-915
12	Laurinda da Conceição	6	—	10-5-915
13	António Rodrigues	7	—	21-5-915
14	José Moreira	8	—	11-6-915
15	Diogo Veiga	7	—	5-6-915
16	Manuel Plácido	9	—	11-6-915
17	Ermelinda da Conceição	6	—	12-6-915
18	Leopoldina Gomes	7	—	15-10-915
19	Luís Baptista	8	—	3-1-916
20	Augusto Jerónimo	6	—	21-2-916
21	Manuel Ribeiro	5	—	1-3-916
22	José Ribeiro	6	—	1-3-916
23	Maria Ferreira	8	—	18-3-916
24	Rodrigo Ferreira	6	—	21-3-916
25	Emília de Oliveira	9	—	3-12-915
26	João Oliveira	6	—	3-12-915
27	Jaime Rabaça	7	—	1-4-916
28	Armando Rabaça	6	—	1-4-916
29	Henrique Félix	6	—	1-5-916
30	Augusto Santos	9	—	8-5-916
31	Engrácia Pereira	7	—	8-5-916
32	José Soares	8	—	3-10-916
33	Joaquim Baptista	8	—	1-5-916
34	Domingos Correia	6	—	1-8-916
35	Avelino Ferreira	7	—	11-8-916
36	Maria Rocha	6	—	15-8-916
37	Alcinda Ferreira	6	—	16-8-916
38	Júlia Pratas	6	—	1-8-916
39	João Baptista	9	—	1-8-916
40	Jaime Conceição	6	—	8-5-916
41	Maria Silva	6	—	23-6-916
42	Maria Trovão	6	—	7-11-916
43	Pilar Almeida	6	—	12-11-916
44	Natalina Moreira	5	—	1-6-916
45	Aurora Sequeira	7	—	27-12-916

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ESCOLA DA SECÇÃO DE PALMA E ARREDORES

Curso nocturno

Professor, João Lima da Costa

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões	Datas das matrículas
1	João Dias	16	Serralheiro	19-4-915
2	João Simões	22	Servente	1-5-915
3	José Afonso	25	Pedreiro	4-5-915
4	António Martins	23	Servente	19-4-915
5	Mário Soares	9	Servente	3-9-915
6	Jaime Lucas	10	Sota	14-7-916
7	José Soares	8	Não tem	14-7-916
8	José Ribeiro da Silva	11	Canteiro	1-2-916
9	Augusto Nunes	11	Não tem	21-6-916
10	José Valeia	18	Servente	27-9-916
11	José Bentes	16	Servente	18-11-916

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ESCOLA DO GRUPO «AURORA SOCIAL» NO ALTO DO VAREJÃO

Professora, Elvira Adelaide Reis Duarte

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões	Datas das matriculas
1	Palmira Machado	10	Estudante	9-10-916
2	Adelino da Cunha	17	Serralheiro	9-10-916
3	Berta Marques	12	Doméstica	9-10-916
4	José Marques	9	Estudante	9-10-916
5	António Marques	7	Estudante	9-10-916
6	Francelina Gonçalves Calado	16	Cigarreira	9-10-916
7	António Mendes	11	Estudante	9-10-916
8	Francisco Simões	19	Serralheiro	9-10-916
9	José Mendes	39	Fábrica dos Tabacos	9-10-916
10	Manuel Simões	12	Cordoeiro	9-10-916
11	Grevi Simões	15	Tecelão	9-10-916
12	José Miguel Oliveira	17	Serralheiro	9-10-916
13	Emília Gomes	17	Charuteira	9-10-916
14	Alberto Gomes	12	Marceneiro	9-10-916
15	Josefa Maria	21	Cigarreira	9-10-916
16	Balbina Almeida	18	Cigarreira	9-10-916
17	Emília dos Santos	16	Charuteira	9-10-916
18	Olívia Viegas	17	Charuteira	9-10-916
19	Engrácia dos Santos	16	Doméstica	9-10-016
20	Alvaro Pinto Salgado	14	Serralheiro	9-10-916
21	Maria Nunes	12	Costureira	9-10-916
22	Jorge de Sousa	11	Estudante	9-10-916
23	Bartolomeu dos Santos Sobreiro	14	Funileiro	9-10-916
24	Albano dos Santos	19	Serralheiro	9-10-916
25	Deolinda Elisa dos Santos	16	Charuteira	9-10-916
26	Maria Felismina Oliveira	32	Doméstica	9-10-916
27	Luis João Almeida	10	Estudante	9-10-916
28	Violeta Augusta Ladeira	13	Criada de servir	9-10-916
29	Francisco Correia Aguiar	15	Fábrica de Tecidos	9-10-916
30	Luis Anastácio	15	Fábrica de Tecidos	9-10-916
31	Custódio Rodrigues Pratas	14	Empreg. de escritório	9-10-916
32	Américo Mateus	12	Estudante	9-10-916
33	Armando Silva Sant'Ana	12	Carpinteiro	9-10-916
34	José da Silva Nogueira	18	Serralheiro	9-10-916
35	Afonso da Encarnação	13	Marceneiro	9-10-916
36	Faustino Correia Aguiar	19	Marceneiro	9-10-916
37	Augusto da Veiga	16	Sapateiro	9-10-916
38	José Augusto de Sousa	13	Cordoeiro	10-10-916
39	Abílio Luis Macedo	16	Fundidor	10-10-916
40	Diamantino Rodrigues	10	Carpinteiro	10-10-916
41	Homero Dias Vieira	11	Sapateiro	10-10-916
42	Cremilde Pratas	17	Doméstica	16-10-916
43	Angelino Pratas	22	Sapateiro	16-10-916
44	Manuel Almeida	16	Serralheiro	17-10-916
45	Norberto Pires	18	Fundidor	23-10-916
46	Silvéria Viegas	12	Doméstica	23-10-916

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões	Datas das matriculas
47	António Marques	20	Marceneiro	23-10-916
48	Alice Barroso	20	Cigarreira	30-10-916
49	Corá da Silva Simões	13	Doméstica	30-10-916
50	Judite da Veiga	13	Ajuntadeira	4-12-916
51	António Luís Amaral	30	Agricultor	18-12-916
52	Mário da Veiga	20	Pintor	19-12-916
53	Elisa Cândida	16	Doméstica	21-12-916

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ESCOLA DO ALTO DO PINA (CURSO DIURNO)

Professor, Pedro António Bernardino

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões dos pais	Datas das matriculas
1	João Alves	9	Cauteleiro	1-11-916
2	Basílio A. da Costa	9	Canteiro	1-11-916
3	Alfredo M. da Costa	10	Canteiro	1-11-916
4	João de Matos	8	Trabalhador	1-11-916
5	Mabília de Matos	7	Trabalhador	1-11-916
6	António I. Batista	8	Operário	1-11-916
7	Artur Martins	9	Empregado nos eléctricos.	1-11-916
8	Alberto Martins	6	Empregado nos eléctricos.	1-11-916
9	Marcolino Cardoso	7	Carpinteiro	1-11-916
10	Irene da Silva	8	—	1-11-916
11	José Dias	9	Mecânico.	1-11-916
12	António Dias	7	Mecânico.	1-11-916
13	Fernando Tabuado	8	Pintor	1-11-916
14	Alfredo Tabuado	7	Pintor	1-11-916
15	Carmen Tabuado	6	—	1-11-916
16	Alfredo dos Santos	7	Pedreiro	1-11-916
17	Joel R. Zagalo	5	Ferreiro	1-11-916
18	Alfredo Ribeiro	10	Pedreiro	1-11-916
19	Américo da Cunha	5	Pedreiro	1-11-916
20	Felicíssimo Simões	7	Encadernador.	1-11-916
21	Emílio N. Maia	9	Pedreiro	1-11-916
22	Raúl N. Maia	7	Pedreiro	1-11-916
23	Américo S. Capela	8	Carpinteiro	1-11-916
24	António L. Cego	6	Peixeiro	1-11-916
25	Aires dos Santos	6	Caieiro.	1-11-916
26	Avelino Felício	6	Serralheiro.	1-11-916
27	Bernardino Nunes	6	Pedreiro	1-11-916
28	Dinis da Silva	6	Sapateiro	1-11-916
29	Natália do N. Bonito	10	—	1-11-916
30	Julieta Ferreira	9	—	1-11-916
31	Manuel Esteves	9	Contínuo.	1-11-916
32	Mário C. dos Santos	6	Pintor	1-11-916
33	Manuel Ferreira	3	Carregador	1-11-916
34	Acácia de Andrade.	8	—	1-11-916
35	Florência de Andrade	7	—	1-11-916
36	Lutero A. do Amaral	12	Contínuo.	1-11-916
37	Else A. do Amaral	10	Contínuo.	1-11-916
38	Lucília do Amaral	9	Contínuo.	1-11-916
39	Carlos da Cruz	8	Empregado na Fábrica de Tabacos.	1-11-916
40	Eduardo D. Rodrigues	8	Pedreiro	1-11-916
41	Aníbal Pedro Cardoso	8	Pedreiro	1-11-916
42	Maria dos Santos	7	—	1-11-916
43	Armando Massas	10	Serralheiro	1-11-916

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões dos pais	Datas das matriculas
44	Adelaide Massas	7	—	1-11-916
45	José Marques	7	Comerciante	1-11-916
46	Aurora Ferreira	8	—	1-11-916
47	Paulo Mota	11	Carroceiro	1-11-916
48	Manuel Mota	9	Carroceiro	1-11-916

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ESCOLA DO ALTO DO PINA (CURSO NOCTURNO)

Professora, Maria Antónia Bernardino

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões	Data das matriculas
1	Manuel Joaquim	33	Pedreiro	1-11-916
2	José Andrade	30	Carpinteiro	1-11-916
3	Estêvão Vicente	24	Pedreiro	1-11-916
4	Raúl da Costa	17	Canteiro	3-11-916
5	António Nunes de Melo	14	Pintor	3-11-916
6	Bonifácio da Cruz	10	Empregado de escritório	3-11-916
7	Armando da Silva	12	Empregado na fábrica	5-11-916
8	Raúl dos Santos	16	Funileiro	5-11-916
9	António da Costa	19	Pedreiro	1-11-916
10	Joaquim Baptista	18	Sapateiro	1-11-916
11	José Gomes	12	Vendedor de pão	1-11-916
12	António Pais	13	Vendedor ambulante	1-11-916
13	Helder Vitorino Alves	15	Aprendiz de carpinteiro	2-11-916
14	Manuel Baptista	18	Sapateiro	2-11-916
15	Jorge dos Santos	15	Aprendiz de carpinteiro	2-11-916
16	Agostinho Felício	35	Canteiro	1-11-916
17	Mário Bernardino	13	Marceneiro	3-11-916
18	Estêvão Moreira	15	Servente de pedreiro	3-11-916
19	Alfredo da Silva	13	Canteleiro	5-12-916
20	Sotero Martins	15	Torneiro mecânico	3-11-916
21	Luís José Ferreira	15	Torneiro mecanico	5-11-916
22	Engrácia Maria	12	Costureira	5-11-916
23	Manuel Brás	22	Pedreiro	5-11-916
24	Irene Martins	12	Doméstica	5-11-916
25	José Pereira Santa Rosa	15	Pedreiro	5-11-916
26	Bento Eduardo Pinto	16	Fundidor de metal	5-11-916
27	Cristiana Cadima	12	Empregado na fábrica	3-11-916
28	João Gomes	18	Pedreiro	1-11-916
29	Francisco Rocha	17	Pedreiro	1-11-916
30	Sara Martins	14	Doméstica	1-11-916
31	Venâncio Lopes	17	Emp. de automóveis	1-11-916
32	Júlio da Silva	11	Sem emprêgo	1-11-916

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ESCOLA DO GRÉMIO POPULAR

Curso de analfabetos

Professora, Alice de Jesus Matos

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões	Datas das matriculas
1	Maria da Conceição	14	Criada	1-11-916
2	Edmundo Pedro	15	Trabalhador	1-11-916
3	António Baptista	15	Vendedor ambulante	1-11-916
4	Joaquim Rodrigues	16	Pregueiro	1-11-916
5	Francisco Albino	13	Trabalhador	1-11-916
6	Manuel Esteves	11	Criado	1-11-916
7	Quitéria Sant'Ana	31	Doméstica	1-11-916
8	Zulmira da Conceição	14	Criada	1-11-916
9	José António Serra	15	Vendedor ambulante	1-11-916
10	António Pedro	15	Serralheiro	1-11-916
11	José Luís	18	Cortador	1-11-916
12	João Sant'Ana	33	Empregado nos Correios	1-11-916
13	Raúl Brás	13	Peixeiro	1-11-916
14	Alberto Leitão	13	Trabalhador	14-11-916
15	José Cláudio	13	Vendedor ambulante	21-11-916
16	Daniel Zeferino	13	Carpinteiro	21-11-916
17	João Ferreira	13	Vendedor ambulante	21-11-916
18	António Cláudio	14	Vendedor ambulante	21-11-916
19	Manuel da Costa	18	Serralheiro	4-12-916
20	Joaquim Tavares	25	Servente da Imprensa Nacional.	18-12-916
21	Júlio Chaves	14	Marceneiro	22-12-916

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ESCOLA DO GRÉMIO POPULAR

Curso de aperfeiçoamento

Professora, Elmira da Conceição Martins

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões	Datas das matriculas
40	Joaquim Afonso	18	Caixeiro	1-11-916
41	Francisco Pocinho	17	Marceneiro	1-11-916
42	Dario Matos	13	Empregado no comércio	1-11-916
43	António Rodrigues	15	Torneiro de metais . .	1-11-916
44	António Nunes	13	Empregado no comércio	1-11-916
45	Augusto dos Santos	16	Serralheiro	9-11-916
46	Francisco dos Santos	14	Torneiro	9-11-916
47	Silvina Cardoso	22	Doméstica	9-11-916
48	Porfirio Ribeiro	15	Sapateiro	15-11-916
49	Manuel de Oliveira	24	Lavrador	7-12-916
50	Joaquim Tavares Batalha . . .	25	Empregado na Im- prensa Nacional. . .	29-12-916
51	Laura Duarte Coelho Cardoso. .	20	Doméstica	29-12-916
52	João de Carvalho	27	Ferreiro	29-12-916
53	Martinho Tomás	20	Ferreiro	29-12-916
54	Daniel Januário	31	Adventício da Alfân- dega.	29-12-916

**Comissões pedagógicas eleitas na assemblea geral
realizada em 22 de Maio de 1908**

Escolas maternas :

Presidente—António Alfredo Alves.

Vogais :

Alfredo Soares.
F. P. Pinto Ferreira.
Tiago Nazaré.
D. Sara Moutinho.

Ensino profissional :

Presidente—António Arroio.

Vogais :

Tomás Bordalo Pinheiro.
Ivo de Carvalho.
Maximiano Apolinário.
Raúl Lino.

Ensino agrícola :

Presidente—D. Luís de Castro.

Vogais :

M. Sousa da Câmara.
C. E. Melo Geraldés.
J. M. Alves Torgo.
Mário de Azevedo Gomes.

Ensino colonial e marítimo :

Presidente—Augusto de Castilho.

Vogais :

Ernesto de Vasconcelos.
A. Pereira de Matos.
José Joaquim de Almeida.
J. Cunha Teles de Vasconcelos.

Ensino comercial :

Presidente—Patrício dos Prazeres.

Vogais :

João Carlos de Oliveira Leone.
Antonio Bastos.
J. G. Velhinho Correia.
José Faustino Rodrigues.

Musica e canto coral :

Presidente—Teófilo Russell.

Vogais :

Tomás Borba.
António Eduardo Ferreira.
José Henrique dos Santos.
Venceslau Pinto.

Higiene :

Presidente—Jaime Mauperrin Santos.

Vogais :

Samuel Maia.

Santos Jacob.

Cassiano Neves.

D. Adelaide Cabete.

Educação física :

Presidente—José Estêvão Moraes Sarmento.

Vogais :

Pedro José Ferreira.
Aníbal Pinheiro.
Alvaro Lacerda.
Carlos Calisto.

Educação cívica :

Presidente—J. Matos Braamcamp.

Vogais :

César Pôrto.
Alberto Ferreira Vidal.
Jerónimo Miranda do Vale.
António Ferrão.

Educação feminina :

Presidente—D. Ana de Castro Osório.

Vogais :

D. Beatriz Angelo.
D. Amália Luazes.
Dr. Correia Dias.
Tomás Cabreira.

Instrução primária :

Presidente—Dr. Carneiro de Moura.

Vogais :

Caetano Pinto.
António Francisco dos Santos.
Pedro José Teixeira.
Simões Raposo.

Instrução secundária :

Presidente—José de Sousa Tavares.

Vogais :

Araújo Lima.
Adolfo Sena.
Dr. Aurélio da Costa Ferreira.
Agostinho Fortes.

Instrução superior :

Presidente—Dr. Teófilo Braga.

Vogais :

Dr. Rui Teles Palhinha.
Veríssimo de Almeida.
António Maria Avelar.
Dr. Bettencourt Ferreira.

Arquivo da Liga Nacional de Instrução :

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida para a sede provisória da Liga — Sociedade de Geografia — Rua de Eugénio Santos — Lisboa.

O *Arquivo da Liga* será enviado gratuitamente aos sócios da Liga, associações congéneres, bibliotecas e outros estabelecimentos oficiais.

Avulso, \$20.

Série de 4 números, \$80.

Comissão de redacção do «Arquivo» :

C. A. Marques Leitão.

Dr. Aníbal de Magalhães.

Prof. M. Borges Grainha.

Anúncios nas capas do «Arquivo» :

Por contrato especial a Liga recebe anúncios relativos a assuntos pedagógicos, para serem publicados nas capas do seu *Arquivo*.

Publicações :

Toda a publicação enviada à Liga será mencionada neste *Arquivo* — tendo especial referência as de carácter pedagógico.

Permuta-se com todas as publicações que se ocupem dos interesses da instrução e educação.

Direcção da Liga Nacional de Instrução de Maio de 1916 a Maio de 1919

Presidente — C. A. Marques Leitão.

Vice-presidente — M. Borges Grainha.

Secretário geral — Dr. Aníbal de Magalhães.

Secretário — Agostinho de Almeida.

Tesoureiro — Sebastião Vieira e Silva.

Vogais :

Dr. Santos Lucas.

António Francisco dos Santos.

António Ferrão.

Dr. Adelino Furtado.

António Bastos.

Armando Correia Duarte Melo.

Luís da Câmara Reis.

José Alves de Oliveira.

Joaquim José de Barros.

Comissão revisora de contas

Presidente — José Maria Freire.

Vogais :

António Pedro da Silva.

Francisco Rodrigues Borges.

Substitutos :

José Alexandre Irwin.

Boaventura José de Sousa.

Fernando Cardoso Albuquerque.